



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROJETO FINAL EM JORNALISMO

EM CAMPO DESIGUAL:
AS BARREIRAS DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO

Gláucia Porfíria Andrade
Orientador: Prof. Dr. Sérgio de Sá

Brasília/DF.

Setembro/2024.

GLÁUCIA PORFÍRIA ANDRADE

**EM CAMPO DESIGUAL:
AS BARREIRAS DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO**

**Monografia apresentada à Faculdade de
Comunicação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em
jornalismo.**

**Orientador: Professor Doutor Sérgio
Araújo de Sá**

Brasília/DF.

Setembro/2024.

GLÁUCIA PORFÍRIA ANDRADE

**EM CAMPO DESIGUAL:
AS BARREIRAS DAS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO**

Brasília, 17 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá (orientador)

Prof^a. Dra. Janara Kalline Leal Lopes de Sousa (membro titular)

Jornalista Marcos Paulo Lima (membro titular)

Prof. Dr. Paulo Henrique Soares de Almeida (membro suplente)

FICHA CATALOGRÁFICA

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial, é com um coração cheio de gratidão que dedico algumas palavras às pessoas que foram fundamentais na realização deste trabalho.

Primeiramente, quero expressar meu amor e agradecimento à minha filha, Manuela Porfíria Soares. Com apenas 1 ano e 6 meses, você me ensinou o verdadeiro significado da resiliência e da alegria. Sua inocência e sorriso iluminam meus dias, e mesmo nos momentos mais desafiadores, sua presença me inspira a seguir em frente. Este trabalho é, de certa forma, uma dedicação a você, que é a razão do meu empenho e dedicação.

A minha mãe, Elizabeth, e ao meu pai, Wanderley, por terem estado ao meu lado, cuidando da Manuela com tanto carinho e dedicação, permitindo que eu tivesse tempo e espaço para me concentrar nos meus estudos. Sou eternamente grata por todo o apoio e pela educação que me deram.

Agradeço também ao meu namorado e pai da neném, que foi um verdadeiro pilar durante este período. Seu apoio, paciência e incentivo foram essenciais nos momentos de dúvida e cansaço. Você sempre acreditou em mim e me motivou a seguir em frente, mesmo quando meu chão parecia desabar. Sua presença traz conforto e força à minha vida, e sou muito grata por tê-lo ao meu lado.

Um agradecimento especial vai para a minha madrinha, Ana Paula, que me ajudou imensamente com suas ideias criativas e correções gramaticais. Sua capacidade de fazer o texto fluir e ganhar sentido foi fundamental para a conclusão deste trabalho. Sou grata por sua generosidade em compartilhar seu tempo e conhecimento, sempre disposta a me apoiar e orientar.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à minha melhor amiga, Isadora Raquel. Sua parceria é um presente inimaginável. Obrigada por estar sempre disposta a ouvir minhas ansiedades, compartilhar risadas e oferecer seu apoio e amor incondicional. Nos momentos em que a jornada parecia difícil, você sempre me lembrava da importância de acreditar em mim.

A todos vocês, meu mais sincero e profundo agradecimento! Este trabalho é tão meu quanto seus.

“A melhor maneira de cultivarmos a coragem nas nossas filhas e em outras jovens é sendo um exemplo. Se elas virem as suas mães e outras mulheres nas suas vidas seguindo em frente apesar do medo, elas vão saber que é possível.”

(GLORIA STEINEM)

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória das mulheres no jornalismo esportivo, destacando as barreiras históricas e contemporâneas enfrentadas, bem como as estratégias adotadas para superá-las. A pesquisa revela que, embora tenha havido avanços significativos desde o final da década de 2000, as mulheres ainda enfrentam desafios estruturais e culturais substanciais. Entre os principais temas abordados estão a inserção das mulheres no jornalismo esportivo, o assédio no ambiente de trabalho e a sub-representação em cargos de liderança. A metodologia utilizada foi Pesquisa Exploratória e Qualitativa, permitindo uma análise aprofundada das dinâmicas de gênero no jornalismo esportivo. Além disso, foram realizados estudos de casos que podem ser consultados na Tabela I, ao final do trabalho, onde estão dispostas as publicações, referências, temas principais, contribuições e implicações de cada caso analisado. No capítulo 6, há uma análise de casos, evidenciando como os estereótipos de gênero e o sexismo impactam a percepção pública das jornalistas esportivas. A pesquisa aponta para a necessidade de políticas que promovam a equidade de gênero e destaca a importância de iniciativas que incentivem a inclusão, a diversidade nas redações esportivas e aponta que debates públicos e acadêmicos sobre essas questões são essenciais e sugere que a promoção de um ambiente de trabalho mais igualitário beneficiará as mulheres e também enriquecerá a cobertura esportiva como um todo.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo. Mulheres. Barreiras. Assédio. Equidade de gênero.

ABSTRACT

This study analyzes the trajectory of women in sports journalism, highlighting the historical and contemporary barriers they face, as well as the strategies adopted to overcome them. The research reveals that, although there have been significant advances since the late 2000s, women still encounter substantial structural and cultural challenges. Among the main topics addressed are the inclusion of women in sports journalism, workplace harassment, and underrepresentation in leadership positions. The methodology used was exploratory and qualitative research, allowing for an in-depth analysis of gender dynamics in sports journalism. Additionally, case studies were conducted, which can be found in Table I at the end of the work, where the publications, references, main themes, contributions, and implications of each analyzed case are presented. In Chapter 6, there is an analysis of cases, highlighting how gender stereotypes and sexism impact the public perception of female sports journalists. The research points to the need for policies that promote gender equity and emphasizes the importance of initiatives that encourage inclusion and diversity in sports newsrooms. It also suggests that public and academic debates on these issues are essential, and that promoting a more equitable work environment will benefit women and enrich sports coverage as a whole.

Keywords: Sports journalism. Women. Barriers. Harassment. Gender equity.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1. PONTAPÉ | 10 |
| 1. OBJETIVOS | 14 |
| 2.1 Objetivo geral | 14 |
| 2.2 Objetivos específicos | 14 |
| 2. METODOLOGIA | 15 |
| 3. JORNALISMO ESPORTIVO | 19 |
| 4.1 Início no Brasil e a inserção feminina | 19 |
| 4.2 As pioneiras | 22 |
| 4. MULHERES | 24 |
| 5.1 Preconceito de gênero | 26 |
| 5.2 Presença de mulheres no ambiente esportivo | 29 |
| 5.3 Relações nas organizações jornalísticas | 32 |
| 5.4 Avanços e desafios contemporâneos | 35 |
| 5. ASSÉDIO E ACINTE: CASOS | 39 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 44 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 51 |
| ANEXOS | 56 |
| TABELA 1 | 56 |

1. PONTAPÉ

Na Grécia Antiga, o teatro tinha a função de destacar, através das encenações, as paixões, dúvidas, anseios e conflitos compartilhados socialmente, que podiam ser debatidos no espaço público. Hoje, podemos dizer que os esportes desempenham um papel semelhante.

No Brasil, isso é especialmente verdadeiro para o futebol, que permeia a vida de milhões de pessoas, mesmo aquelas que não gostam ou não acompanham o esporte regularmente. Em algum momento, o futebol surge em conversas cotidianas, gerando desde brincadeiras entre torcedores até discussões sobre temas mais amplos. Isso porque o futebol não pode ser compreendido sem considerar o contexto social ao seu redor.

Através dos esportes, podemos discutir questões como machismo, racismo, desigualdade social, desigualdade de gênero, homofobia, entre muitos outros.

Apesar de o Brasil ser conhecido como o país do futebol, é importante destacar que, desde sua chegada, o futebol se formou e se consolidou como um espaço predominantemente masculino. A proibição do futebol feminino, em 1941, que só foi revogada no final da década de 1970, exemplifica os constantes vetos e obstáculos enfrentados pelas mulheres para participar do esporte mais popular do Brasil. Essas dificuldades não se limitaram à prática esportiva.

A inserção das mulheres no jornalismo esportivo também foi difícil. Por isso, é importante resgatar os nomes de algumas pioneiras que abriram caminho para as mulheres que hoje atuam como narradoras, comentaristas, repórteres de campo, comentaristas, enfim, ocupando espaços fundamentais nos esportes modernos e na mídia.

A presença e o papel das mulheres no esporte têm sido subestimados pela grande mídia ao longo dos anos. A falta de jornalistas mulheres nas redações é evidente, refletindo um viés profundamente enraizado. Estudos mostram que, em 2020, a mídia deu significativamente mais espaço a falas masculinas que femininas. Esse desequilíbrio persistente contribui para a perpetuação de estereótipos e subvalorização do desempenho e importância das mulheres no cenário midiático.

Em 2020, o Global Media Monitoring Project (GMMP), um extenso estudo sobre a representação feminina na mídia global, revelou que as desigualdades de gênero persistem no cenário noticioso. Mesmo em meio à pandemia de coronavírus e aos contextos de crises sociopolíticas, a 6ª Edição do GMMP abarcou informações de 116 países, analisando 30.172 histórias veiculadas em diversos meios de comunicação tradicionais e aponta:

Na função especialista ou comentar/a, quando a pessoa oferece conhecimento adicional baseado em conhecimento especializado, as desigualdades persistem. Os homens são 100% dos comentaristas nas notícias relacionadas à Covid que tratam de “Celebridade, Arte, Mídia, Esportes” (WHO MAKES THE NEWS?, 2020, p. 22).

Um caso recente de desigualdade e desrespeito no jornalismo esportivo brasileiro ocorreu, em setembro de 2021, envolvendo a repórter Jéssica Dias, da Rádio Grenal. Durante a cobertura de um treino do Internacional, Jéssica foi alvo de comentários sexistas feitos pelo então técnico do clube, Diego Aguirre. O episódio ganhou repercussão após Jéssica compartilhar nas redes sociais um vídeo em que Aguirre, ao perceber que estava sendo filmado, fez um comentário desrespeitoso sugerindo que a repórter estivesse mais interessada nos jogadores do que no aspecto profissional de sua cobertura.

Destaca-se como, mesmo após tantos anos, a luta constante das mulheres por respeito e igualdade no ambiente esportivo se faz necessária, especialmente em posições historicamente dominadas por homens (como é o caso do jornalismo esportivo). Este incidente ressalta não apenas os desafios enfrentados por mulheres no jornalismo esportivo em relação ao assédio e ao sexismo, mas também a importância de se discutir e combater ativamente a cultura machista que ainda prevalece em muitos ambientes esportivos. Ele também destaca a necessidade de clubes, associações e veículos de comunicação implementarem políticas claras de tolerância zero a qualquer forma de discriminação ou assédio.

As pioneiras no espaço do jornalismo esportivo no Brasil enfrentaram desafios significativos para romper as barreiras predominantemente masculinas. Essas mulheres abriram caminho para outras jornalistas e contribuíram para a diversificação e o crescimento do jornalismo esportivo no Brasil.

As atletas mulheres tiveram sua primeira participação nos Jogos Olímpicos, em 1900, em Paris, após os Jogos de Atenas, em 1896, contarem apenas com atletas masculinos. Na edição de 1900, as mulheres representaram 2,2% do total de atletas, com 22 mulheres competindo contra 975 homens (TERRA, 2024). Já a presença de mulheres na cobertura jornalística dos esportes demorou ainda mais a se estabelecer, enfrentando desafios similares de inclusão e reconhecimento num campo historicamente dominado por homens.

A partir daquele momento histórico, em que Charlotte Cooper se tornou a primeira atleta feminina a conquistar o ouro olímpico em uma prova individual de tênis, mulheres como ela se tornaram fonte de inspiração para outras mulheres, tanto dentro quanto fora do campo. Isso ajudou a derrubar uma limitação que a sociedade tinha desde a antiguidade sobre a presença e a importância das mulheres no mundo dos esportes, abrindo portas para outras mulheres, incluindo jornalistas, que aspiravam a fazer parte desse ambiente.

No contexto da revisão bibliográfica sobre a presença feminina nos esportes, esta monografia visa explorar a trajetória das mulheres no ambiente esportivo, com um foco especial nas jornalistas, tanto no passado quanto no presente. A análise abrange desde as restrições históricas à participação feminina em competições esportivas até os desafios atuais, como disparidades salariais, falta de representatividade em cargos de liderança e a persistência de estereótipos de gênero. Ademais, a revisão busca destacar os avanços alcançados e as estratégias adotadas pelas mulheres para superar essas barreiras, promovendo maior inclusão e equidade no esporte.

Ao mergulhar nesses aspectos, este estudo pretende não somente analisar a representação midiática, mas também identificar desafios e progressos na inclusão de mulheres no jornalismo esportivo. Através desta análise, busca-se compreender melhor as dinâmicas de gênero que moldam as narrativas esportivas e propor caminhos para um jornalismo mais equitativo e representativo.

A cobertura midiática dos eventos esportivos desempenha um papel vital em elevar o perfil das diversas modalidades esportivas, destacando os atletas e suas conquistas. Contudo, levanta-se o questionamento sobre a consistência dessa visibilidade e reconhecimento dentro das próprias redações. A diferença

entre o que é comunicado ao público e o que ocorre nos bastidores é um aspecto crucial que necessita de investigação para entender melhor seus efeitos no tecido social, cultural e no próprio universo esportivo. A análise dessa discrepância é importante não apenas para avaliar a integridade da cobertura esportiva, mas também para identificar e abordar potenciais desafios e oportunidades para melhorar a representatividade e igualdade no jornalismo esportivo.

A escolha deste tema se baseia na relevância de explorar e entender os desafios específicos enfrentados pelas mulheres, decorrentes da sua condição de gênero.

A motivação principal para este estudo é reconhecer como a discriminação de gênero pode impactar negativamente as carreiras esportivas femininas, limitando sua visibilidade, progresso e acesso a recursos e reconhecimento. Este cenário pode resultar em participação reduzida, apoio financeiro insuficiente e menor número de oportunidades para mulheres no esporte.

Somado a isso, o estudo se faz relevante no cenário atual, considerando os debates cada vez mais intensos sobre equidade de gênero, representatividade e inclusão no mundo esportivo e na mídia. Uma revisão bibliográfica aprofundada da cobertura midiática das mulheres permitirá não apenas identificar possíveis discrepâncias na abordagem, mas também fornecer *insights* importantes sobre como a mídia pode contribuir para a promoção da igualdade de oportunidades e tratamento equitativo entre os gêneros no esporte.

Ao entender como são retratadas as mulheres no ambiente do esporte, podemos levantar questões cruciais sobre a equidade de gênero no jornalismo esportivo, promovendo discussões construtivas sobre como a mídia pode desempenhar um papel mais positivo na promoção da igualdade de oportunidades e na desconstrução de preconceitos de gênero no contexto esportivo e, por extensão, na sociedade em geral.

1. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta monografia é analisar a trajetória das mulheres no jornalismo esportivo, com ênfase nas barreiras históricas e contemporâneas que têm enfrentado, bem como nas estratégias adotadas para superá-las. A pesquisa visa compreender como as mulheres, desde a inserção no ambiente esportivo até o presente, têm lutado contra preconceitos e disparidades, destacando avanços e desafios contínuos em busca de maior inclusão e equidade no campo do jornalismo esportivo.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar e categorizar as principais barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo, como o preconceito organizacional, a disparidade salarial, e as dificuldades de ascensão profissional.
- Analisar o impacto dessas barreiras na representação e participação feminina nas redações de jornalismo esportivo, considerando tanto os aspectos quantitativos (número de mulheres na área) quanto qualitativos (funções desempenhadas e reconhecimento profissional).
- Explorar a percepção das jornalistas esportivas em relação ao machismo no ambiente de trabalho, através da revisão de estudos e relatos presentes na literatura existente, buscando entender como essas percepções moldam suas experiências profissionais.
- Avaliar a presença e o impacto das jornalistas esportivas nas novas mídias e plataformas digitais, examinando como esses espaços têm sido utilizados para contornar as barreiras tradicionais e ampliar a voz feminina no jornalismo esportivo.

2. METODOLOGIA

De maneira clara, a metodologia científica é o estudo dos métodos e procedimentos utilizados para conduzir pesquisas e gerar conhecimento. Em relação aos objetivos, trata-se de uma Pesquisa Exploratória e Qualitativa. Segundo Gil (2022), esse tipo de pesquisa “tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificando seus motivos”.

A partir da revisão bibliográfica, foi possível mapear os principais temas e contribuições das fontes estudadas, proporcionando uma visão clara dos desafios que as mulheres enfrentam no jornalismo esportivo. Os temas centrais abordados incluem direitos das mulheres, liderança, assédio e preconceito de gênero. Estes tópicos foram fundamentais para compreender como as dinâmicas de poder e desigualdade se manifestam no ambiente de trabalho das jornalistas esportivas.

A análise temporal das publicações utilizadas nesta revisão sobre mulheres no jornalismo esportivo revela um cenário de luta constante por espaço e equidade de gênero. Inicialmente, a presença feminina no jornalismo esportivo era quase inexistente. Com o tempo, houve um aumento gradual na participação das mulheres, que continuam enfrentando desafios, como preconceito de gênero e assédio.

Os resultados desta pesquisa destacam as inúmeras barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo, revelando uma complexa teia de desafios estruturais e culturais que persistem ao longo do tempo. A análise aprofundada de fontes documentais e bibliográficas indica que, apesar dos avanços alcançados, as mulheres continuam a lutar por espaço e reconhecimento em um campo historicamente dominado por homens. Este estudo utilizou uma abordagem abrangente para explorar tanto os obstáculos quanto os progressos, levando em conta diferentes perspectivas e momentos históricos.

Mesmo com o progresso, a desigualdade de gênero é evidente. As mulheres ainda são minoria nas redações esportivas e muitas vezes ocupam posições secundárias. Em Belo Horizonte, por exemplo, em 2016, havia 1.343 homens e apenas 45 mulheres cadastradas na Associação Mineira de Cronistas Esportivos.

As mulheres no jornalismo esportivo enfrentam constrangimentos e precisam desenvolver estratégias para se destacar em um campo majoritariamente masculino. Isso inclui desde a luta por reconhecimento até a resistência contra o assédio e a discriminação.

Estudos analisados utilizaram metodologias qualitativas, como entrevistas e observação participante, para entender melhor as experiências das mulheres nesse campo. Essas pesquisas ajudam a evidenciar os perfis, trajetórias profissionais e os desafios enfrentados pelas jornalistas esportivas.

A análise temporal das publicações utilizadas na revisão bibliográfica deste estudo é essencial para entender como o interesse acadêmico e jornalístico sobre a presença das mulheres no jornalismo esportivo evoluiu ao longo do tempo. Observa-se que a produção bibliográfica sobre o tema das mulheres no jornalismo esportivo se manteve relativamente estável desde 1978 até o início dos anos 2000. Durante esse período, cada ano representado contribuiu com uma publicação cada, indicando que, embora o tema fosse relevante, ele não estava no centro das discussões acadêmicas e jornalísticas da época.

Contudo, a partir de 2009, verifica-se um aumento na produção. Este crescimento pode ser atribuído à maior visibilidade das questões de gênero no jornalismo esportivo, fomentada por discussões mais amplas sobre igualdade de gênero e a luta das mulheres por maior espaço e reconhecimento em ambientes tradicionalmente masculinos.

O ano de 2024 destaca-se com a maior concentração de documentos analisados, totalizando 11 das 23 aqui presentes. Este pico reflete o crescimento de materiais sobre o tema, possivelmente impulsionados por eventos contemporâneos relevantes, como campanhas contra o assédio, o uso de novas tecnologias para combater discursos de ódio e a ascensão de mulheres a posições mais proeminentes na mídia esportiva. Este avanço substancial aponta para uma maior conscientização e documentação dos desafios persistentes enfrentados pelas mulheres no jornalismo esportivo, além de uma resposta mais ativa por parte de organizações acadêmicas e midiáticas.

A análise quantitativa dos temas abordados desta pesquisa permite visualizar a frequência com que determinados tópicos relacionados às

mulheres no jornalismo esportivo foram discutidos nas publicações examinadas. O tema mais recorrente “Assédio e desafios no ambiente de trabalho” surge como o mais prevalente, com 7 das 23 publicações enfocando essa questão. Este dado destaca a relevância contínua e crítica do assédio como uma barreira significativa para as mulheres no jornalismo esportivo.

Outros temas com alta frequência incluem “Diversidade de gênero no jornalismo esportivo” e “Inserção das mulheres no jornalismo esportivo”, cada um discutido em 3 publicações. Esses temas refletem a importância das questões de inclusão e representatividade feminina nas redações esportivas.

Os temas “Preconceitos e estereótipos de gênero” foram abordados em 2 publicações, enquanto os temas “Liderança e oportunidades para mulheres”, “Avanços e desafios contemporâneos”, “Direitos das mulheres no jornalismo esportivo (EUA)”, “Representação das mulheres no jornalismo esportivo” e “Início do jornalismo esportivo” foram tratados em 1 publicação cada. Isso sugere que, embora essas questões sejam relevantes, há uma necessidade potencial de mais pesquisa e discussão nessas áreas específicas.

A distribuição das fontes utilizadas na revisão bibliográfica desta pesquisa destaca a diversidade e a natureza das referências consultadas. As “Fontes Acadêmicas / Livros” foram as mais utilizadas, com um total de 14 referências. Esse dado reflete a robustez teórica e a fundamentação acadêmica sobre o tema das mulheres no jornalismo esportivo, evidenciando a importância de estudos científicos e literaturas especializadas na construção do conhecimento e na análise crítica desse campo.

Em seguida, as fontes “*Websites* Jornalísticos” foram utilizadas como referência em 11 ocasiões. Isso destaca o papel significativo da mídia na documentação e na discussão pública sobre as questões de gênero no jornalismo esportivo. Embora as fontes acadêmicas forneçam uma base teórica sólida, as publicações jornalísticas são fundamentais para captar eventos contemporâneos e a realidade prática do dia a dia nas redações esportivas.

A combinação dessas duas categorias de fontes — acadêmicas e jornalísticas — oferece uma visão abrangente e equilibrada do tema, unindo a teoria com a prática, o que enriquece a análise e proporciona uma compreensão mais completa dos desafios e melhorias vivenciadas pelas mulheres no campo do jornalismo esportivo.

A predominância de *websites* jornalísticos reflete a atualidade e a relevância das questões discutidas, enquanto as fontes acadêmicas garantem a profundidade e rigor na abordagem teórica. Já as páginas pessoais, embora menos utilizadas, oferecem um olhar mais íntimo e direto sobre as experiências vividas.

Neste sentido, pode-se evidenciar a complexidade e persistência das barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo, desde as primeiras tentativas de inserção até os desafios contemporâneos. O presente estudo permitiu mapear as principais dificuldades, como preconceito de gênero, assédio no ambiente de trabalho, e a sub-representação nas redações esportivas, além de destacar os avanços e as estratégias de superação adotadas ao longo dos anos.

3. JORNALISMO ESPORTIVO

4.1 Início no Brasil e a inserção feminina

Segundo Ribeiro (2007), a primeira publicação relacionada ao esporte foi *O Atleta* (1856), que, embora não fosse exclusivamente esportiva, apresentava técnicas de aprimoramento físico. Posteriormente, em 1886, chegou ao país o *Sportman*, considerado o primeiro diário esportivo do mundo. Embora não tenha sido traduzido do italiano, o jornal *Fanfulla* (1910) também trouxe relatos de partidas e fichas de jogos, sendo considerado a primeira publicação de jornalismo esportivo no Brasil.

O *Correio Paulistano* (nos anos 1900) dedicava um pequeno espaço para notas esportivas, mas foi somente na década de 1920, bem ali no início do século XX, que as publicações deram mais espaço ao jornalismo esportivo, especialmente no Rio de Janeiro, quando o Vasco da Gama venceu a segunda divisão do campeonato com a maioria do elenco formado por negros. Foi nesse momento que a popularização do futebol aumentou. Em 1931, o *Jornal dos Sports* foi fundado no Rio de Janeiro, sendo o primeiro diário impresso exclusivamente dedicado a esportes no Brasil.

Além disso, no mesmo ano, a Rádio Educadora realizou a primeira transmissão de um jogo no Brasil, inaugurando as transmissões esportivas no País. E, de acordo com Bruno Ceccon (2017), o *Gazeta Esportiva* (1928), inicialmente parte do jornal *A Gazeta*, tornou-se uma referência no jornalismo esportivo brasileiro a partir de 1947 por ter se tornado um jornal diário, o que era uma novidade na época, e por se autodenominar "o mais completo jornal esportivo do Brasil", almejando uma posição de destaque no cenário internacional. Ademais, sua contribuição para o cenário esportivo brasileiro inclui a distribuição de prêmios, como a Taça dos Invictos, e sua influência duradoura como um dos principais veículos de informação na mídia esportiva do país (Memória Márcio Guerra, 2015; Ceccon, 2017).

Segundo Antonio Hohlfeldt (2023), especialista nas áreas de Teoria da Comunicação e História do Jornalismo, após 1947, o jornalismo esportivo no Brasil passou por uma evolução constante, adaptando-se às mudanças na sociedade e no mundo esportivo. Marcado por uma série de eventos

significativos, como a chegada da televisão nos anos 1950, que ampliou o alcance das transmissões esportivas ao vivo, e a expansão do rádio nas décadas seguintes, que popularizou ainda mais a cobertura esportiva, o jornalismo esportivo viu sua maior revolução com o surgimento da *internet* nos anos 1990.

O avanço tecnológico permitiu uma disseminação instantânea de notícias e uma interação em tempo real com os fãs, transformando completamente a maneira como os eventos esportivos eram cobertos e consumidos. E, o jornalismo esportivo tem se mostrado adaptável às mudanças sociais e esportivas, abordando questões como a inclusão de minorias étnicas e sociais no cenário esportivo, refletindo assim as transformações da sociedade ao longo do tempo.

Quando abordamos a história das mulheres no jornalismo, é evidente que elas enfrentaram uma série de desafios e preconceitos significativos. Enquanto os homens iniciaram na profissão em meados do século XV, a inserção das mulheres no ambiente jornalístico aconteceu somente no século XX e elas eram direcionadas principalmente para as seções femininas dos jornais e revistas.

O jornalismo esportivo, em particular, era uma área predominantemente masculina, e as mulheres enfrentaram dificuldades para conquistar destaque e respeito dentro do cenário esportivo na imprensa. Segundo Dantas (2015), nos Estados Unidos, por exemplo, as jornalistas conseguiram destaque como repórteres, apresentadoras e comentaristas, mas ainda enfrentavam preconceitos nas décadas de 1970 e 1980 simplesmente por serem mulheres.

No final do século XIX, surgem as primeiras seções dedicadas aos "interesses femininos", como moda, beleza, culinária, lar e família, refletindo o contexto da época e o papel social da mulher. José Marques de Melo (2006) diz que nem sempre tivemos um "jornalismo feminino":

As publicações periódicas destinadas à mulher quase nunca contemplam a atualidade (característica básica do jornalismo) e, portanto, configuram-se como produtos editoriais não jornalísticos, apesar de corresponder aos padrões correntes da indústria cultural. (...) Trazer o jornalismo para as suas páginas seria ampliar a dimensão do mundo e romper o isolamento da mulher em relação ao seu papel de mãe-esposa-administradora do lar. (TEORIA DO JORNALISMO, 2006, p. 146 e 147).

Como se concentravam em temas superficiais e perpetuavam estereótipos de gênero, essas publicações contribuíam para a desinformação e a limitação das mulheres. É interessante observar como a imprensa feminina pode desempenhar um papel importante na emancipação das mulheres, seja por meio de reivindicações seja por meio de denúncias da opressão feminina.

Com o crescimento da classe média e a crescente participação feminina na esfera pública, as seções femininas tornam-se um importante canal de comunicação para esse público. Ao longo do século XX, expandem seus temas, abordando também questões sociais, políticas e culturais, além de saúde, educação e carreira.

As últimas décadas, marcadas pelo feminismo e pela ascensão das mulheres no mercado de trabalho, influenciaram o conteúdo das seções femininas, que se tornam mais abrangentes e menos estereotipadas. No entanto, ainda se pode criticar a perpetuação de estereótipos de gênero, falta de representatividade e escassez de temas relevantes para as mulheres e, para que tivesse alguma evolução das representações femininas, foi preciso que tivéssemos as primeiras figuras.

A ligação das mulheres com o esporte no Brasil ganhou força a partir dos anos 1940, quando começaram a praticar futebol. Essa prática abriu portas para as mulheres que queriam cobrir tais notícias e as ajudou a conquistar espaço também no jornalismo esportivo. No início, a participação feminina estava limitada a apresentar propagandas e ler *scripts* (DANTAS, 2015), porém, na década de 1990, começaram a ganhar destaque no cenário esportivo, exercendo o cargo de repórteres.

De acordo com a Workr, plataforma de comunicação corporativa desenvolvida pelo Comunique-se, quase 16 mil mulheres estão ativas na imprensa brasileira, porém, mesmo sendo maioria na sociedade, o que corresponde a 51,5% da população residente no país (IBGE, 2022), as mulheres representam apenas 37% do mercado de jornalismo no Brasil.

Segundo a pesquisa realizada pelo Comunique-se (2019), a presença feminina no jornalismo brasileiro continua sendo uma minoria significativa. Os resultados revelaram que 20,5% das mulheres ocupam posições de liderança

em veículos de comunicação, uma proporção (10%) ainda mais reduzida quando se trata especificamente de áreas ligadas ao esporte.

4.2 As pioneiras

Nos Estados Unidos, algumas jornalistas conseguiram se destacar como repórteres, apresentadoras e comentaristas, mas ainda assim não estavam imunes ao preconceito durante as décadas de 1970 e 1980. Segundo as informações disponíveis no *site* da *Association for Women in Sports Media* (AWSM) (2024), uma das figuras pioneiras foi Melissa Ludtke, jornalista americana de renome no campo do jornalismo esportivo. Ela iniciou sua carreira na *Sports Illustrated* e posteriormente se tornou correspondente na *Time*, além de assumir o cargo de editora dos *Nieman Reports* na *Nieman Foundation for Journalism* da Universidade Harvard. Sua trajetória profissional é notável por sua participação em um caso judicial histórico, conhecido como *Ludtke v. Kuhn*, que, em 1978, estabeleceu o acesso igualitário para repórteres esportivas femininas aos vestiários de times de beisebol, um direito anteriormente exclusivo para homens.

Este caso representou um marco na luta pela igualdade de gênero no jornalismo esportivo e teve um impacto significativo no aumento da presença de mulheres em várias funções dentro da mídia esportiva, desde reportagens até representação de atletas e trabalho em equipes esportivas.

A associação fundada, em 1987, é uma organização sem fins lucrativos dedicada a apoiar e a promover a presença de mulheres no jornalismo esportivo. Desde sua criação, a AWSM tem sido pioneira na luta pela igualdade de gênero na mídia esportiva, oferecendo suporte, mentoria e oportunidades de *networking* para mulheres profissionais e estudantes. A organização também reconhece anualmente indivíduos que abriram caminho para as mulheres na indústria, através do prêmio anual *Mary Garber Pioneer Award*.

No Brasil, o envolvimento das mulheres com o cenário esportivo começou a ganhar força depois da década de 1970 (COELHO, 2017), quando passaram a participar de atividades como o futebol, causando certa controvérsia entre os conservadores, que questionavam sua *performance*. Ao

longo dos anos 1990, as mulheres gradualmente conquistaram maior presença nas redações esportivas, ampliando seu espaço e contribuição nesse meio.

4. MULHERES

No universo do jornalismo esportivo, a presença feminina tem sido historicamente sub-representada e frequentemente subestimada. Ao longo dos anos, no entanto, houve melhorias significativas, com algumas mulheres conquistando posições de destaque e respeito dentro das redações e nas transmissões esportivas. Essas mudanças, embora lentas, mostram uma progressiva abertura e reconhecimento das competências femininas no campo dos esportes.

Isabel Tanner já foi editora-chefe do caderno de esportes do *O Estado de São Paulo* e ocupou a posição por quase três anos, desde o afastamento de Roberto Benevides pouco antes da Copa do Mundo de 1998 até sua primeira renúncia em março de 2001. Kitty Balieiro foi editora-chefe da *ESPN Brasil* de 2002 a 2010 e Sônia Francinny, conhecida como Soninha, trabalhou como apresentadora e comentarista na *ESPN Brasil* entre 1999 e 2004. Há diversos comentaristas, repórteres e jornalistas de várias áreas que se sentem no direito de falar sobre futebol e deslegitimam as profissionais da área.

Segundo Coelho (2017), um exemplo claro de discriminação no mundo do jornalismo esportivo acontecia com veteranos como Oldemário Touguinhó, repórter do *Jornal do Brasil*, que ligavam para a redação durante grandes coberturas e procuravam o editor. Se uma mulher fosse designada para revisar seu material, ele exigia que o conteúdo fosse transmitido por telefone ou simplesmente se recusava a entregar suas reportagens.

No entanto, nos dias atuais, a realidade é que muitas mulheres ainda são direcionadas para editorias de esportes olímpicos como se soubessem mais conhecimentos sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo, áreas em que o machismo ainda prevalece. É importante reconhecer o papel das pioneiras que, mesmo diante dessas barreiras, abriram caminho para futuras gerações de jornalistas esportivas, demonstrando que a competência e a paixão pelo esporte não têm gênero.

Conforme apontado por Ramos (2010), Maria Helena Rangel é reconhecida como a pioneira no jornalismo esportivo brasileiro. Sua contribuição é notável, especialmente considerando o contexto histórico em que as mulheres enfrentavam inúmeros desafios para se estabelecer na

imprensa esportiva. A formação em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP) e os estudos na Faculdade Cásper Líbero na década de 1940, juntamente com sua carreira de sucesso como atleta em arremesso de disco, a posicionaram de maneira única para trazer uma perspectiva autêntica e informada para o jornalismo esportivo.

Em 1947, quando Maria Helena começou a escrever para a *Gazeta Esportiva*, ela não apenas quebrou barreiras de gênero, mas também estabeleceu um precedente para as mulheres no jornalismo esportivo no Brasil (WOOD, MOURA, 2023). A ligação entre esporte e imprensa é um lembrete da importância da diversidade na mídia esportiva e ajudou a abrir caminho para outras mulheres no jornalismo esportivo, mostrando que elas poderiam assumir papéis de liderança e influência em um ambiente tradicionalmente dominado por homens. Isso também ajudou a inspirar uma nova geração de jornalistas esportivas no Brasil.

Acrescentado ao pioneirismo de Maria Helena Rangel, as mulheres que marcaram a história do jornalismo esportivo brasileiro incluem Zuleide Ranieri, a primeira mulher a narrar partidas de futebol no Brasil e, na década de 1970, integrou a equipe inaugural da *Rádio Mulher*; Martha Esteves, a primeira repórter a cobrir vestiários no Rio de Janeiro, na década de 1980; Regiani Ritter, a primeira jornalista mulher brasileira a cobrir não só uma como três Copas do Mundo.

Na televisão, Isabela Scalabrini foi a primeira mulher a integrar a equipe do *Globo Esporte* na Rede Globo na década de 1980, cobrindo diversas modalidades esportivas; Glenda Kozlowski, que, após conquistar o título de campeã mundial de *bodyboard*, mergulhou no jornalismo esportivo, em 1992 e, quatro anos depois, deu início à trajetória na Globo como apresentadora do *Esporte Espetacular*; Luciana Mariano, a primeira mulher a narrar um jogo de futebol na televisão brasileira, em 1997, narrando partidas do Torneio Primavera pela TV Bandeirantes; e mais recentemente, Renata Silveira fez história ao se tornar a primeira mulher a narrar um jogo de Copa do Mundo na TV aberta, durante a Copa do Mundo de 2022.

Atualmente, não há tantas restrições para mulheres atuarem como repórteres de esportes; o maior problema é o preconceito contra suas opiniões.

Frequentemente, há um julgamento precipitado e baseado em estereótipos, apenas pelo fato de ser uma mulher a fornecer o comentário ou a notícia.

5.1 Preconceito de gênero

O preconceito de gênero no jornalismo esportivo manifesta-se de diversas formas e em diferentes etapas da prática profissional, impactando significativamente a trajetória das jornalistas. Esse preconceito é evidente nas interações com jogadores, técnicos, redações e na recepção pelo público, abrangendo telespectadores, ouvintes e leitores.

No contexto das interações com jogadores e técnicos, as jornalistas enfrentam atitudes discriminatórias que refletem o machismo ainda presente no ambiente esportivo. As profissionais frequentemente são tratadas de forma desrespeitosa, com questionamentos sobre sua competência e conhecimento esportivo, baseados unicamente em seu gênero. Segundo Araújo (2023), o preconceito de gênero está enraizado nas práticas cotidianas de cobertura esportiva, cujos comentários sexistas e comportamentos inadequados são recorrentes. Demarque (2022) reforça essa perspectiva, evidenciando que o ambiente esportivo continua a ser um espaço hostil para as mulheres, que enfrentam exclusão deliberada em algumas coberturas e círculos de informação, limitando seu acesso a oportunidades e à credibilidade profissional.

Nas redações, o preconceito de gênero também é marcante. Mesmo em posições equivalentes, as jornalistas mulheres enfrentam barreiras que seus colegas homens não experimentam. As decisões editoriais que direcionam as mulheres para coberturas consideradas de menor prestígio ou com menos visibilidade reforçam estereótipos de gênero, restringindo as oportunidades de ascensão profissional. Ramos (2010) aponta que a sub-representação feminina em cargos de liderança editorial reflete a persistente desigualdade de gênero nas redações. Pacheco e Silva (2020) corroboram essa análise, demonstrando que a segregação por gênero no jornalismo esportivo ainda é uma prática comum, em que as jornalistas são frequentemente limitadas a coberturas "adequadas" ao seu gênero, como esportes de menor visibilidade midiática.

A recepção do público, que inclui telespectadores, ouvintes e leitores, também revela o preconceito de gênero que permeia o jornalismo esportivo. Jornalistas mulheres frequentemente são alvo de críticas que se baseiam em sua aparência física ou em estereótipos de gênero, ao invés de serem avaliadas por suas habilidades e competências profissionais. Scardoelli (2019) destaca como as redes sociais amplificam esse preconceito, com comentários desrespeitosos e sexistas que reforçam a marginalização das mulheres no campo esportivo. Essa hostilidade é exemplificada no caso de Renata Silveira, narradora do Grupo Globo, que é alvo constante de ofensas machistas e decidiu parar de usar o X, antigo Twitter, evidenciando o preconceito que ainda permeia as interações com o público (NO ATAQUE, 2024).

Figura 1 – Caso Renata Silveira



Fonte: Resultados originais da pesquisa. Reprodução X, 2024.

Além disso, Wood e Moura (2024) discutem como a hostilidade do público afeta diretamente a saúde mental e o desenvolvimento profissional das jornalistas, perpetuando um ciclo de desigualdade que dificulta sua plena inserção e reconhecimento no jornalismo esportivo.

Um exemplo contemporâneo desse preconceito é o uso de novas tecnologias para expor e combater discursos de ódio direcionados a mulheres na mídia esportiva. Uma campanha da Lay's, utilizando inteligência artificial,

alterou a voz da jornalista Elaine Trevisan para uma voz masculina, mantendo os comentários e destacou como o discurso de ódio impacta a participação das mulheres no jornalismo esportivo, trazendo à tona a gravidade e a frequência desses ataques (MÁQUINA DO ESPORTE, 2024). Essa iniciativa reflete a crescente conscientização sobre a necessidade de enfrentar diretamente o preconceito de gênero, tanto no ambiente digital quanto nas interações cotidianas.

A comparação entre o tratamento dispensado a homens e mulheres nesses três contextos revela uma disparidade significativa. Enquanto os jornalistas homens raramente enfrentam questionamentos sobre sua competência ou ataques baseados em sua aparência ou em seu nível de conhecimento, as mulheres frequentemente são avaliadas por critérios não profissionais, o que limita seu crescimento e reconhecimento no campo do jornalismo esportivo. O preconceito de gênero, portanto, não só persiste, mas também molda as experiências das jornalistas em múltiplas frentes, desde a coleta de informações até a publicação e a recepção de seu trabalho pelo público.

Figura 2 – Campanha da Lay's – Elaine Trevisan



Fonte: Campanha da Lay's, utilizando inteligência artificial, MÁQUINA DO ESPORTE 2024.

Para mitigar esses preconceitos e promover um ambiente mais justo e inclusivo, é necessário um esforço coordenado que envolva tanto mudanças nas práticas editoriais como a implementação de políticas de igualdade de gênero, a promoção de uma cultura organizacional inclusiva, e a criação de mecanismos de denúncia eficazes, quanto uma reeducação do público e dos profissionais envolvidos no ambiente esportivo. A sensibilização para essas questões e a implementação de políticas mais equitativas são passos essenciais para que as mulheres possam exercer plenamente sua profissão no jornalismo esportivo, contribuindo para uma cobertura mais diversa e representativa.

O trabalho de Alcoba (1993) sugere que, para que haja uma mudança real, é necessário um esforço conjunto de toda a indústria midiática, envolvendo não apenas as empresas de mídia, mas também as associações profissionais e os próprios jornalistas. Somente através de um compromisso coletivo com a diversidade e a inclusão será possível criar um ambiente de trabalho mais justo e equitativo, onde as mulheres possam contribuir plenamente para a cobertura esportiva e serem reconhecidas por suas habilidades e conhecimentos, independentemente de seu gênero.

5.2 Presença de mulheres no ambiente esportivo

O *Instituto de Pesquisa DataSenado* e o *Observatório da Mulher contra a Violência (OMV)* conduziram um estudo qualitativo voltado às mulheres que atuam como atletas, paratletas e técnicas desportivas, visando explorar suas experiências e perspectivas sobre a igualdade de gênero no cenário esportivo. Durante o período entre dezembro de 2019 e março de 2020, foram realizadas 22 entrevistas detalhadas para captar *insights* valiosos nesse contexto.

As entrevistas revelaram um cenário em que, apesar dos desafios, as mulheres atletas observam avanços significativos na história do esporte feminino, como a transmissão televisiva de eventos como a Copa Mundial Feminina de Futebol 2019, que proporcionou maior visibilidade a figuras emblemáticas, como a jogadora brasileira Marta, concedendo voz e identidade ao esporte feminino.

As atletas e jornalistas mulheres enfrentam diversos desafios em um ambiente esportivo ainda marcado pelo machismo. Elas lidam com discriminação, assédio e sexualização, além de receberem menos visibilidade e investimento em comparação aos homens.

As entrevistadas do estudo apontaram experiências na infância de desigualdade no esporte, notando disparidades entre meninos e meninas. As famílias, em geral, demonstraram menos apoio quando as atletas buscavam categorias de alto rendimento, enquanto os meninos eram mais incentivados culturalmente.

A percepção geral é que, desde a infância, as mulheres em geral enfrentam maior cobrança e são menos valorizadas em comparação aos homens. Esta diferença de tratamento reflete-se também em temas como casamento, gravidez, falta de reconhecimento profissional, discriminação sexual, favorecimento de times e patrocinadores aos times masculinos, além do assédio no meio esportivo.

A equidade de gênero no esporte brasileiro, segundo as entrevistadas, é um processo em andamento. Elas acreditam que a atuação do Estado na formulação e implementação de políticas públicas sugeridas pode proporcionar maior espaço e respeito às mulheres no esporte, impulsionando uma representação ainda mais significativa do País em eventos esportivos internacionais e inspirando mais meninas a ocuparem espaços historicamente masculinos.

O livro *Memória do Esporte Olímpico: Mulheres Olímpicas* aborda a representatividade e o reconhecimento das mulheres no cenário esportivo. Enquanto o livro se concentra na história global das mulheres nos Jogos Olímpicos, a equidade de gênero no esporte brasileiro trata especificamente das questões enfrentadas pelas atletas no contexto nacional.

As cineastas Lina Chamie e Laís Bodanzky e as atletas Magic Paula e Ana Moser oferecem uma visão ampla das conquistas e desafios enfrentados por mulheres em competições olímpicas ao redor do mundo, contextualizando as lutas históricas por reconhecimento, igualdade de oportunidades e superação de estereótipos de gênero.

No Brasil, as mulheres no esporte enfrentam desafios semelhantes aos de muitos países, como a disparidade de investimento, menor visibilidade

mediática, dificuldade de acesso a recursos e infraestrutura esportiva, entre outros obstáculos. A inserção de mulheres jornalistas no esporte contribui para que as atletas também ganhem visibilidade e a equidade de gênero no esporte brasileiro ainda é um processo em desenvolvimento, com melhorias graduais em direção a uma representatividade mais igualitária nos mais variados esportes.

A comparação entre o livro e a realidade da equidade de gênero no esporte brasileiro destaca a importância de reconhecermos as conquistas das mulheres atletas em um contexto global, ao mesmo tempo em que destacamos os desafios específicos que persistem em nosso próprio país. Ambos os cenários apontam para a necessidade contínua de promover políticas inclusivas, investimentos equitativos e mudanças culturais para garantir oportunidades iguais para mulheres no mundo esportivo, tanto global quanto localmente.

A interligação entre as conquistas das atletas e das jornalistas é evidente: enquanto as atletas mostram que as mulheres podem competir em alto nível, as jornalistas garantem que essas histórias sejam contadas e celebradas, criando um ciclo virtuoso de inspiração e empoderamento e à medida que mais mulheres se destacam como jornalistas esportivas, elas inspiram outras mulheres a seguir seus passos, tanto na sala de imprensa quanto no campo ou nas quadras.

As jornalistas esportivas desempenham um papel crucial na cobertura dos esportes, sendo eles femininos ou masculinos. Elas podem trazer uma perspectiva com maior sensibilidade para questões de igualdade de gênero, representatividade e inclusão para a cobertura, destacando as conquistas e analisando o impacto de políticas esportivas sobre mulheres ou discutindo sobre como o esporte pode ser um espaço de empoderamento.

Além disso, tanto as atletas quanto as jornalistas esportivas servem como modelos para as jovens, mostrando que as mulheres podem ter uma carreira de sucesso no esporte e no jornalismo esportivo, campos que foram dominados por homens por muito tempo.

Durante o *6º Colóquio Mulher e Sociedade*, em 2019, organizado pelo *Grupo de Pesquisa Jornalismo e Gênero Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, Maria José Braga, presidenta da *Federação Nacional dos*

Jornalistas (Fenaj) na época, destacou que algumas áreas do jornalismo, tradicionalmente consideradas masculinas, como a cobertura de economia, esporte e política, ainda apresentam uma predominância masculina:

[...] principalmente o esporte, porque no Brasil a cobertura esportiva jornalística infelizmente está muito focada no futebol profissional, e, no futebol profissional, não temos dados específicos, mas a observação prática, a observação cotidiana, é de que os homens ainda são maioria (BRAGA, 2019).

Na cobertura econômica e política, houve algumas mudanças com a entrada de mais mulheres, mas no jornalismo esportivo, a predominância masculina continua. Braga atribui essa situação a uma deficiência do jornalismo esportivo, que se concentra quase exclusivamente no futebol profissional. Quando as mulheres entram nessa área de atuação do jornalismo, geralmente ficam responsáveis pela cobertura de outros esportes, que, embora existam, não são o foco principal do jornalismo esportivo, que continua sendo o futebol.

5.3 Relações nas organizações jornalísticas

De forma mais ampla, e não restrita apenas ao jornalismo esportivo, em 2018, a *Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)* publicou, a pedido das Nações Unidas, um estudo analisando a experiência vivida por jornalistas mulheres no Brasil chamado *Mulheres no Jornalismo Brasileiro*. Levando em consideração ofensas misóginas e machistas, desmerecimento do trabalho e divulgação de informações pessoais, as jornalistas brasileiras enfrentam desafios significativos. A partir disso, a pesquisa realizada permitiu que os resultados obtidos nos grupos focais pudessem se tornar algo mais amplo. Foi desenvolvido, a partir dos grupos, um questionário online que pudesse abranger e alcançar o maior número de mulheres possível. De 26 de junho a 28 de agosto de 2017 obtiveram respostas válidas de 477 mulheres que atuam em 271 veículos diferentes.

Dentre as participantes, 73% das jornalistas que responderam à pesquisa afirmam já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual

sobre mulheres no seu ambiente de trabalho, 92,3% afirmaram ter ouvido piadas machistas em seu ambiente de trabalho e 64% já sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes.

Existem vários relatos em regiões do Brasil que as repórteres não denunciam seus agressores por medo das reações ou consequências da denúncia. Regiões com pouca cobertura jornalística local e a falta de espaços para a discussão de gênero na profissão podem agravar a situação.

O relatório anual do *Instituto Reuters de Estudos de Jornalismo em Oxford* (2024) oferece uma visão detalhada sobre a diversidade de gênero nas posições de liderança em 240 empresas jornalísticas de cinco continentes, escolhidas entre as 10 maiores online e as 10 maiores offline.

Sobre o Brasil, o relatório afirma que houve um progresso significativo: o percentual de mulheres em cargos de chefia aumentou de 7%, em 2022, para 23% este ano. No entanto, esse número ainda está abaixo da média global. Quem conhece as redações brasileiras sabe que os cargos de poder feminino nas editorias de jornalismo esportivo são muito inferiores aos ocupados por homens. Isso resulta em uma falta de discussão sobre igualdade entre os pares, criando um silenciamento das mulheres e aumentando a violência.

Essa discrepância é uma das várias destacadas pelos pesquisadores do *Instituto Reuters*, e não se limita ao Brasil. Menos de um quarto dos 174 principais editores dos 240 veículos analisados (alguns dos quais lideram mais de um veículo do mesmo grupo) são mulheres, apesar de elas representarem, em média, 40% da força de trabalho jornalística.

De acordo com o *Instituto Reuters*, o pesquisador da Universidade de Madri, Luis Albernoz, o jornalista Andrew Duffy, professor da Universidade de Singapura e diversos outros pesquisadores, a discrepância faz diferença. Assim como outras desigualdades no mercado de trabalho, o desequilíbrio de gênero pode perpetuar percepções equivocadas que se refletem na cobertura jornalística.

Mesmo para aqueles que discordam dessa tese, a questão das oportunidades profissionais permanece. Será que todas as profissionais de jornalismo não existem mulheres qualificadas para serem líderes de redações? Será que a escolha está sendo inclinada em favor dos homens, considerando aspectos além da competência?

Parece ser o caso, apesar das inúmeras campanhas por inclusão de gênero. O *Instituto Reuters* descobriu que 15% dos veículos de comunicação pesquisados mudaram suas lideranças principais de 2023 a fevereiro de 2024, mas 76% dessas empresas não aproveitaram a oportunidade de se tornarem mais inclusivas, optando por nomear homens em vez de mulheres para os cargos principais.

Sem oportunidades para se expressarem, as vozes das jornalistas são silenciadas. É fundamental não apenas fortalecer os espaços de discussão, mas também ampliar a variedade de temas abordados. Em um País marcado por desigualdades, diversas interseções afetam a vida dessas jornalistas. É necessário incluir mulheres negras, indígenas, transexuais e de diferentes orientações sexuais nas conversas sobre diversidade.

Somado a isso, o estudo *Mulheres no Jornalismo Brasileiro* apurou que 83,6% das jornalistas relataram ter enfrentado pelo menos uma forma de violência psicológica, incluindo ameaças online, insultos na *internet*, humilhação pública, intimidação verbal ou física, abuso de poder ou autoridade, insultos verbais, tentativas de prejudicar sua reputação ou, a pior de todas, ameaças de perda de emprego por gravidez, um evento natural na vida de mulheres.

As jornalistas atuantes em redações de todo o Brasil enfrentam constrangimentos na arena pública, quando são vítimas de assédio e ataques após publicar uma reportagem ou realizar uma apuração, assim como a jornalista da ESPN e diretora da *Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)*, Gabriela Moreira, que também relatou um incidente em dezembro de 2015, quando foi alvo de assédio por torcedores enquanto cobria a final da Copa do Brasil entre Palmeiras e Santos. Durante quarenta minutos, a jornalista teve que trabalhar ouvindo dezenas de pessoas a xingando de “vagabunda”, entre outros insultos.

De acordo com Moreira, que tem anos de experiência na cobertura esportiva, essa prática é comum em sua carreira:

O machismo não se instala somente no futebol. É que, aqui, ele ganha ares de licença poética. O machismo que vi na polícia e na política é o

mesmo. Mas aqui, ele sai entre um 'olê, olê, olá' de vez em quando, depois de um 'Chupa' (MOREIRA, 2015, apud GONÇALVES, 2018).

Como se não bastasse lidar com esse tipo de atitude no ambiente externo, as profissionais também precisam lidar rotineiramente com atitudes machistas dos próprios colegas e superiores no espaço interno de trabalho. Um exemplo dessa atitude aconteceu com a apresentadora Nádia Mauad, que denunciou ter sido vítima de assédio na redação da Globo, do Paraná, e ter sofrido abuso psicológico.

Além da violência psicológica, a pesquisa mostra ainda que 73% das entrevistadas afirmaram já ter escutado comentários ou piadas de natureza sexual sobre alguma mulher no seu ambiente de trabalho. Ou seja, é preciso promover um ambiente jornalístico mais inclusivo e seguro. Entre as propostas sugeridas pela *Abraji*, destacam-se a criação de um canal interno nas redações para denúncias formais de abuso e assédio, a elaboração de guias para orientar funcionários sobre assédio por fontes e os procedimentos a serem seguidos por repórteres vítimas dos atos. Além disso, enfatiza-se a importância de iniciativas que visem aumentar a diversidade na produção jornalística, como a formação de grupos de monitoramento de diversidade de gênero para relatar a diversidade das fontes e das contratações, e a capacitação contínua dos repórteres em temas de diversidade.

5.4 Avanços e desafios contemporâneos

O jornalismo esportivo, um campo historicamente dominado por homens, tem observado mudanças significativas nas últimas décadas, com um aumento gradual da presença feminina. Essas mudanças são resultado de um processo contínuo de luta das mulheres para conquistarem seu espaço em um ambiente que, durante muito tempo, lhes foi amplamente hostil. A inserção das mulheres no jornalismo esportivo, embora tardia, tem sido marcada por um crescente reconhecimento de suas capacidades e por uma expansão das oportunidades de atuação. Este reconhecimento é fruto de uma transformação gradual na percepção pública e nas estruturas internas dos meios de

comunicação, que passaram a valorizar a diversidade de perspectivas na cobertura esportiva (RAMOS, 2010).

Um dos avanços mais notáveis é a maior visibilidade das mulheres em posições de destaque no jornalismo esportivo, ocupando funções de repórteres, apresentadoras e comentaristas. Essa visibilidade, por sua vez, está ligada à gradual aceitação e valorização do papel das mulheres no esporte e na mídia esportiva. A presença de mulheres em programas de grande audiência e a crescente participação em eventos esportivos importantes têm contribuído para modificar a percepção de que o esporte é um campo exclusivamente masculino. Paulo Vinicius Coelho (2017) destaca que essa mudança, embora lenta, tem sido impulsionada pela competência demonstrada pelas jornalistas esportivas, que, através de seu trabalho, desafiam os estereótipos de gênero e afirmam seu espaço em um campo tradicionalmente dominado por homens.

Contudo, mesmo com essas evoluções, as jornalistas esportivas ainda enfrentam desafios substanciais. A disparidade salarial entre homens e mulheres permanece um problema persistente, refletindo uma desigualdade estrutural que perpassa o mercado de trabalho como um todo. Mulheres que ocupam os mesmos cargos que seus colegas homens frequentemente recebem salários inferiores. Travancas (1992) aponta que, embora existam iniciativas voltadas para a redução dessas disparidades, a implementação de políticas eficazes é, muitas vezes, dificultada por uma cultura organizacional resistente a mudanças.

Além das questões salariais, as mulheres no jornalismo esportivo enfrentam uma sub-representação em cargos de liderança. A falta de mulheres em posições de chefia limita sua capacidade de influenciar a agenda editorial e de promover mudanças estruturais dentro das redações. Essa ausência de liderança feminina perpetua uma cultura conservadora, que tende a manter o *status quo* e a resistir a iniciativas de inclusão e diversidade. Ramos (2010) observa que, embora haja um reconhecimento crescente da necessidade de maior diversidade nas redações, as mudanças são frequentemente superficiais e não abordam as questões fundamentais que impedem a igualdade de gênero.

O assédio, tanto no ambiente de trabalho quanto nas plataformas digitais, é outro desafio significativo que as jornalistas esportivas enfrentam. Mulheres que trabalham na cobertura esportiva estão expostas a uma série de comportamentos abusivos que não apenas afetam seu bem-estar e segurança, mas também podem limitar suas oportunidades profissionais. Rubbo e Vasconcelos (2009) discutem como o assédio sexual e moral é uma realidade comum para muitas jornalistas, sendo frequentemente ignorado ou minimizado pelas organizações de mídia. Essa questão é particularmente problemática no ambiente digital, onde as jornalistas estão sujeitas a uma vigilância constante e a ataques de um público muitas vezes anônimo e hostil.

A resistência à mudança dentro das próprias organizações de mídia representa um obstáculo contínuo para as mulheres no jornalismo esportivo. Mesmo quando há políticas de inclusão e diversidade formalmente estabelecidas, a implementação dessas políticas encontra barreiras significativas. A cultura organizacional, muitas vezes enraizada em tradições conservadoras, dificulta a promoção de uma igualdade de oportunidades real e efetiva. Travancas (1992) enfatiza que a mudança cultural é um processo longo e complexo, que exige mais do que simples medidas superficiais; requer um compromisso genuíno das lideranças para transformar as normas e práticas que perpetuam a desigualdade.

A expansão das mídias digitais tem oferecido novas oportunidades para as mulheres no jornalismo esportivo, permitindo que elas alcancem audiências mais amplas e diversificadas. Styczer (2009) destaca que, embora as redes sociais e outras plataformas digitais possam empoderar as mulheres, permitindo-lhes compartilhar suas vozes e perspectivas de forma mais direta e independente, elas também as expõem a formas mais insidiosas de assédio e abuso, que podem ser difíceis de combater devido à natureza anônima e descentralizada dessas plataformas.

Além disso, a análise de Soares (1994) aponta que, embora as mulheres tenham conquistado mais espaço nas redações esportivas, ainda há uma divisão de trabalho que tende a relegar as jornalistas a coberturas de esportes considerados "menos importantes" ou "mais femininos", como esportes olímpicos ou reportagens sobre saúde e bem-estar. Essa divisão reflete uma persistente subvalorização do trabalho das mulheres e uma resistência em

aceitar sua competência para cobrir esportes tradicionalmente associados ao universo masculino, como o futebol ou o automobilismo. Essa segregação de tarefas contribui para a perpetuação de estereótipos de gênero e limita as oportunidades das mulheres de desenvolverem suas carreiras em igualdade de condições com seus colegas homens.

A literatura existente, como apontado por Habib (2005) e Coelho (2017), sugere que a continuidade do avanço das mulheres nesse campo dependerá não apenas de sua resiliência e competência, mas também de uma mudança mais ampla nas estruturas de poder dentro das organizações de mídia. Somente com uma abordagem integrada que combata a desigualdade em todas as suas formas será possível alcançar uma verdadeira equidade de gênero no jornalismo esportivo.

Independentemente de ser repórter de campo, narradora, comentarista, árbitra, treinadora, jogadora ou qualquer outra função, ainda há muitos que insistem em afirmar que o mundo dos esportes não é lugar para mulheres e fazem de tudo para desencorajar ou intimidar a presença feminina nesse setor.

5. ASSÉDIO E ACINTE: CASOS

O assédio sexual contra mulheres no jornalismo esportivo continua sendo uma questão premente, com casos recentes que ressaltam a vulnerabilidade das profissionais em eventos de grande porte. Nas Olimpíadas de 2024, em Paris, dois incidentes específicos ilustram a persistência desse problema e as dificuldades enfrentadas pelas jornalistas.

Denise Thomaz Bastos, repórter do *SporTV*, da Rede Globo, foi vítima de importunação sexual enquanto fazia uma transmissão ao vivo durante o encerramento dos Jogos Olímpicos. Um homem se aproximou e tentou beijá-la à força, obrigando-a a interromper sua cobertura e denunciar o ocorrido em frente às câmeras. Esse tipo de incidente não é um caso isolado, mas, sim, um reflexo de uma cultura mais ampla de desrespeito às mulheres no campo do jornalismo esportivo (MATTOS, 2024).

Outro caso ocorreu com Verônica Dalcanal, da TV Brasil, que também foi assediada durante a cobertura de um evento esportivo. Verônica relatou que um grupo de torcedores tentou beijá-la, criando uma situação de desconforto e insegurança, que ela descreveu como "chata, difícil e revoltante". Esses eventos mostram como a presença das mulheres em ambientes majoritariamente masculinos, como os eventos esportivos, ainda está cercada de desafios (MATTOS, 2024).

Esses episódios são apenas parte de um problema maior que afeta as jornalistas em diversos contextos. No começo do ano, em fevereiro de 2024, mais um incidente grave: dessa vez envolvendo a jornalista Gisele Kumpel, do Canal Monumental, que foi assediada pela mascote do Internacional durante uma partida de futebol. Gisele relatou que foi constrangida ao ser abraçada e beijada sem seu consentimento, um episódio que a levou a registrar um boletim de ocorrência (Revista *Marie Claire*, 2024).

Infelizmente, muitas jornalistas esportivas enfrentam ataques e críticas. Exemplos notáveis incluem Renata Fan, apresentadora do programa *Jogo Aberto* na Band, e Lívia Nepomuceno, que atuou como apresentadora no Fox Sports em programas como o *Melhor do Fox Sports* e *Tarde Redonda*. Um telespectador comenta: "Milton Neves fabrica mulheres bonitas 'pra' falar

merda enquanto apresentadoras esportivas, tipo Renata Fan e Livia Nepomuceno”.

Em contrapartida, também temos reconhecimento do público e colegas de trabalho pelas habilidades e carisma na televisão. Renata Fan é vista como uma apresentadora que domina os assuntos que aborda, além de ser muito carismática e engajada com o público. Sua presença no *Jogo Aberto* é marcada por uma combinação de profissionalismo e simpatia, o que a torna uma figura querida entre os telespectadores.

Livia Nepomuceno também recebe muitos elogios, especialmente por sua habilidade de comunicação e presença de palco. Ela é descrita como uma apresentadora talentosa que não apenas apresenta, mas também opina e faz perguntas pertinentes. Sua capacidade de se conectar com o público e sua competência são frequentemente destacadas, como mencionado por Milton Neves, que a elogiou por ser a melhor apresentadora com quem já trabalhou.

Para promover um ambiente mais justo e equitativo, é importante que os elogios e reconhecimentos sejam baseados principalmente na competência e no profissionalismo, ajudando a destacar o valor real que essas profissionais trazem ao jornalismo esportivo.

Além disso, os desafios enfrentados por mulheres no jornalismo esportivo não se limitam ao Brasil. Durante as Olimpíadas de 2024, um comentarista de rádio francês foi amplamente criticado após fazer comentários sexistas durante uma partida de tênis feminino. Ele comparou uma das jogadoras a uma dona de casa, sugerindo que ela "faz tudo: a louça, a cozinha, o esfregão". Esse comentário gerou indignação e levou a Associação Francesa de Mulheres Jornalistas Esportivas (FJS) e o Sindicato de Jornalistas Esportivos de França (UJSF) a emitirem um comunicado conjunto denunciando o comportamento inaceitável e exigindo sanções (O GLOBO, 2024).

Estudos como os de Casadei (2011) sobre a inserção das mulheres no jornalismo mostram que, apesar do progresso, a presença feminina no campo jornalístico sempre foi acompanhada por resistências e desafios, muitas vezes relacionados à sua condição de gênero.

A violência simbólica, como definida por Bourdieu (1999), ajuda a entender como o machismo se perpetua nas relações de trabalho. No jornalismo esportivo, esse tipo de violência se manifesta não apenas em casos

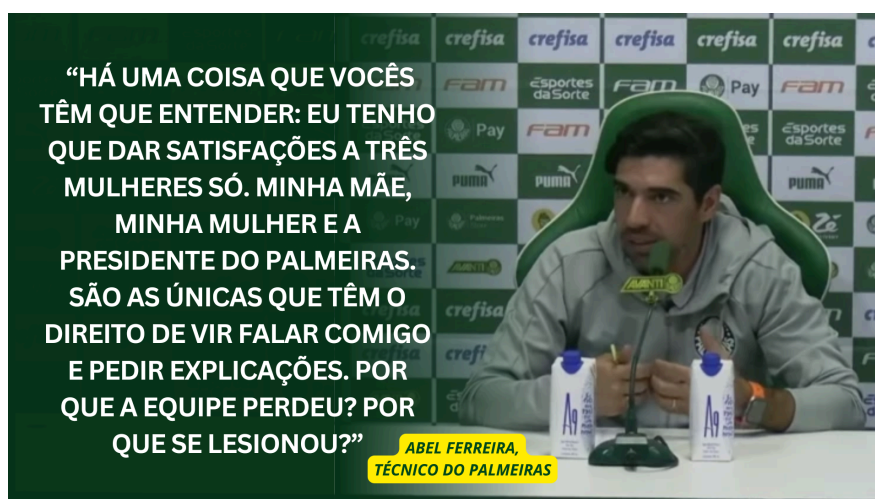
extremos de assédio sexual, mas também em formas mais sutis de discriminação e subordinação, como o *mansplaining* (SOLNIT, 2017) e o *maninterrupting* (BENNETT, 2015), termos que se referem à prática de um homem explicar algo para uma mulher de maneira condescendente, assumindo que ela não entende o assunto, mesmo que ela seja especialista nele e à interrupção constante de uma mulher por um homem enquanto ela está falando, impedindo-a de concluir seu raciocínio. Tais termos refletem bem a maneira como as mulheres são frequentemente desrespeitadas e silenciadas em ambientes predominantemente masculinos.

A normalização do assédio sexual no jornalismo esportivo reflete um problema estrutural maior que não é restrito ao Brasil, mas que se evidencia com força no contexto nacional. De acordo com dados da pesquisa da *Gênero e Número* em parceria com a *Abraji* (2018), uma grande parte das jornalistas esportivas já sofreu algum tipo de assédio ou violência no trabalho, o que reforça a necessidade urgente de mudanças culturais e estruturais nas redações e nos locais de cobertura esportiva.

A tipificação do crime de importunação sexual, estabelecida pela Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018 (BRASIL, 2018), foi um avanço significativo no combate ao assédio, mas ainda há muito a ser feito. A aplicação eficaz dessas leis e a criação de políticas internas nas empresas de mídia são fundamentais para garantir que as jornalistas possam exercer sua profissão sem medo de serem assediadas.

Esses incidentes recentes também mostram que, apesar dos avanços, a luta por igualdade e respeito no campo esportivo continua. Para que essa luta seja bem-sucedida, é essencial que as vozes das mulheres sejam ouvidas e que as estruturas que perpetuam a violência de gênero sejam desmanteladas. O que, de fato, não aconteceu na noite do dia 24 de agosto de 2024, quando o Palmeiras goleou o Cuiabá por 5 a 0. Apesar do placar favorável ao time do técnico, na coletiva de imprensa pós-jogo, Abel Ferreira interrompeu a repórter Alinne Fanelli, da *Band News FM*, tecendo um comentário machista quando a mesma o questionou sobre a lesão do lateral Mayke:

Figura 3 - Resposta do técnico Abel Ferreira - Alinne Fanelli



Fonte: Coletiva de Imprensa Pós-Jogo Palmeiras X Cuiabá, no estádio Brinco de Ouro - Campinas, SP.

O trecho da entrevista se espalhou rapidamente nas redes sociais, gerando críticas ao treinador. Após a repercussão negativa, a Band News FM e a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) emitiram uma nota oficial em defesa da jornalista, enquanto diversos telespectadores repudiaram a atitude do técnico.

Pouco antes, Abel Ferreira declarou que se considerava muito afortunado por ser liderado por Leila Pereira, dedicando a vitória do último sábado à presidente do Palmeiras. No entanto, ao responder de forma agressiva, inadequada e com uma clara conotação machista à jornalista Alinne Fanelli, o treinador contradisse a postura da diretoria do Palmeiras, que frequentemente exige dos meios de comunicação a inclusão de mais mulheres jornalistas na cobertura do futebol.

No domingo, 25, Abel posta uma nota nas redes sociais com o dito "pedido de desculpas", mas não se mostrou nem um pouco arrependido. Durante a coletiva, os jornalistas têm a oportunidade de fazer perguntas e obter respostas diretamente dos porta-vozes da empresa ou organização, garantindo que a informação seja precisa e atualizada (ETAIN, 2024), porém é possível manifestar a vontade de não responder a certas perguntas ou até mesmo optar por não participar da coletiva, sem problemas.

O que não dá é para o entrevistado descontar suas frustrações pessoais através da imprensa, especialmente se escolhe uma mulher para tal. Se outros cinco profissionais homens fizeram perguntas antes da mulher e a pessoa escolheu não responder de maneira grosseira a eles, não é aceitável fazer isso com a sexta repórter e alegar que foi um erro não intencional, considerando que as respostas foram pensadas antecipadamente. Muitas pessoas afirmaram que a atitude foi um mal-entendido, mas, na verdade, foi uma atitude inadequada, desrespeitosa e machista, e é exatamente isso que as repórteres envolvidas no jornalismo esportivo estão cansadas de tolerar.

Em 2019, em uma publicação no X (antigo Twitter), a jornalista Mayra Siqueira soltou o verbo. Disse que o jogador Dagoberto, do Londrina, se recusou a responder uma pergunta sua e, em seguida, o repórter Fernando Fernandes, da TV Bandeirantes, fez a mesma pergunta a ele e adivinha? O atleta respondeu a pergunta. Expôs outra situação: o jornalista Cléber Machado disse que não vê sentido em mulheres narrando, pois não acha que “combina”. Mayra conta que sorriu e entendeu que ele não mudaria de opinião, e disse que “tudo bem”. Mas será que está tudo bem mesmo? Observa-se que, mesmo após cinco anos do fato, muitos colegas de profissão possuem o mesmo pensamento e não estão dispostos a mudar.

Mayra compartilhou que nunca conseguiu estabelecer uma relação de amizade com jogadores de futebol ou dirigentes, devido ao medo constante de ser mal interpretada. Esse receio sempre superou sua preocupação em manter boas fontes de informação. Ademais, ela relatou na rede social X um episódio em que um narrador de uma grande emissora de rádio (não citou nomes) elogiou seu trabalho e, em seguida, insinuou que poderia ajudá-la a conseguir um emprego na rádio dele, mencionando que ele definia os salários e piscando para ela. Essas experiências que a jornalista passou e passa em mais de 10 anos de carreira refletem os desafios e o assédio que muitas mulheres encaram no jornalismo esportivo.

Após analisarmos as barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo e os desdobramentos históricos que moldaram essa realidade, é evidente que, apesar da evolução, ainda há um longo caminho a percorrer. Levanta-se, assim, a questão: como podemos, enquanto sociedade, contribuir para a mudança desse cenário?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado ao longo deste estudo, as mulheres no jornalismo esportivo enfrentaram e continuam a enfrentar desafios significativos, desde barreiras estruturais até questões culturais profundamente enraizadas. Entretanto, a análise dos dados coletados revela que, apesar dessas adversidades, houve progressos substanciais, principalmente a partir do final da década de 2000. A luta pela inclusão e equidade de gênero no jornalismo esportivo, embora longe de ser concluída, tem gerado resultados positivos que apontam para um futuro mais inclusivo.

O preconceito de gênero é uma das principais questões enfrentadas pelos jornalistas. Elas frequentemente são alvo de críticas que se baseiam em estereótipos relacionados ao gênero, em vez de suas habilidades profissionais. As redes sociais amplificam esses preconceitos, com comentários desrespeitosos e sexistas, reforçando a marginalização das mulheres no campo esportivo. É necessário promover um debate público e acadêmico mais robusto para criar um ambiente de trabalho mais igualitário e acolhedor para as mulheres.

José Marques de Melo (2006) destaca a importância da diversidade na comunicação, sublinhando que a inclusão de vozes femininas no jornalismo esportivo é essencial para desafiar estereótipos de gênero e enriquecer a narrativa esportiva. Nesse sentido, sua análise serve como um ponto de partida crucial para entender a necessidade de uma representação mais equitativa nesse campo.

Complementando essa perspectiva, Ramos (2010) aborda os desafios enfrentados pelas mulheres no ambiente de trabalho, destacando a escassez de representação em cargos de liderança. Ele propõe, portanto, estratégias para superar essas barreiras, enfatizando a importância de criar um ambiente de trabalho mais inclusivo e seguro para as jornalistas esportivas.

O que parte do mesmo princípio acreditado por Dantas (2015), quando avança nessa linha ao destacar a necessidade de maior visibilidade das mulheres no esporte e no jornalismo. De acordo com ele, uma representação midiática mais equilibrada é crucial para construir uma narrativa mais inclusiva.

Sua pesquisa reforça, assim, a importância de aumentar a presença feminina nas coberturas esportivas.

Nesse contexto, o reforço da relevância da liderança feminina nas redações é enfatizado por Coelho (2017), que sugere que a presença de mulheres em posições de destaque pode impactar positivamente a cobertura de eventos esportivos. Ele argumenta que isso promoveria uma abordagem mais sensível e inclusiva, contribuindo para a equidade no jornalismo esportivo.

Os casos de assédio sexual contra jornalistas esportivas, como os de Denise Thomaz Bastos e Verônica Dalcanal, ilustram a persistência de uma cultura de desrespeito e vulnerabilidade enfrentada por mulheres nesse campo. Denise, por exemplo, foi importunada ao vivo durante a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024, enquanto Verônica também sofreu assédio em um evento de grande porte.

Adicionalmente, o caso de Gisele Kumpel, jornalista do Canal Monumental, que foi assediada pela mascote do Internacional durante uma partida de futebol. Esse acontecimento evidencia a falta de respeito e a objetificação que muitas profissionais enfrentam. Assim, esse episódio não é isolado, mas sim parte de um problema sistêmico que exige ações concretas para garantir a segurança e o respeito às mulheres no ambiente de trabalho.

Hohlfeldt, especialista em Teoria da Comunicação e História do Jornalismo, analisa as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero nas redações esportivas. Ele argumenta que a transformação dessas estruturas é fundamental para promover um ambiente mais justo e equitativo.

A análise dos casos de Renata Fan e Lívia Nepomuceno revela um cenário de dualidade no jornalismo esportivo. Ambas são reconhecidas por suas competências e carisma, o que lhes garante uma posição de destaque e reconhecimento público. Contudo, elas enfrentam um ambiente hostil, marcado por críticas sexistas que desvalorizam suas contribuições profissionais. Esse contraste entre reconhecimento e desrespeito evidencia a persistência de preconceitos de gênero no setor, afetando negativamente a saúde mental e o desenvolvimento profissional das jornalistas, e perpetuando um ciclo de desigualdade.

Em paralelo, um exemplo claro dessa desigualdade é o caso do comentarista de rádio francês que fez comentários sexistas durante uma

partida de tênis feminino nas Olimpíadas de 2024. Esse episódio ilustra a continuidade do machismo no jornalismo esportivo e o comentarista não só desrespeitou a atleta, como também reforçou estereótipos de gênero que desvalorizam as mulheres. A indignação gerada e a resposta formal de associações sublinham a crescente intolerância a tais comportamentos e a demanda por um ambiente mais respeitoso e igualitário no esporte.

O preconceito de gênero enraizado no jornalismo esportivo se manifesta de várias formas, desde interações desrespeitosas com jogadores e técnicos até decisões editoriais que limitam as oportunidades das jornalistas. As profissionais enfrentam questionamentos sobre sua competência e conhecimento esportivo, muitas vezes baseados unicamente em seu gênero, refletindo o machismo presente no ambiente esportivo. Simultaneamente, a sub-representação feminina em cargos de liderança editorial e a segregação por gênero nas coberturas reforçam estereótipos e restringem a ascensão profissional das mulheres.

Portanto, a promoção da equidade de gênero não deve ser vista apenas como uma questão de justiça social. Trata-se também de enriquecer a cobertura esportiva e inspirar futuras gerações de mulheres no campo, criando um ambiente mais inclusivo e representativo. Assim, é preciso que tenha, cada vez mais, a evolução no debate público e acadêmico, para contribuir para a promoção de um ambiente de trabalho mais igualitário e acolhedor para as mulheres.

O preconceito de gênero no jornalismo esportivo se manifesta de diversas formas e impacta significativamente a trajetória dos jornalistas. As interações com jogadores e técnicos muitas vezes refletem atitudes discriminatórias, como o caso da jornalista Alinne Fanelli, com questionamentos sobre a competência das profissionais baseadas unicamente em seu gênero.

Nas redações, mesmo jornalistas em posições equivalentes enfrentaram barreiras que seus colegas homens não experimentaram, por exemplo o que Oldemário Touguinhó e Cléber Machado faziam. A sub-representação feminina em cargos de liderança editorial evidencia a persistente desigualdade de gênero.

É fundamental que futuras pesquisas e políticas se concentrem em promover a inclusão de gênero e a igualdade de oportunidades em todas as esferas do jornalismo esportivo. Por conseguinte, a consolidação de um ambiente mais justo e equitativo dependerá da capacidade das instituições e dos profissionais do setor de implementar mudanças significativas e sustentáveis.

Apesar dos desafios, nem tudo é desânimo; há também momentos de alegria e progresso. A maior visibilidade das mulheres em posições de destaque, como repórteres e comentaristas, está ligada à acessibilidade crescente do papel delas no esporte e na mídia esportiva. A presença feminina em programas de grande audiência e eventos esportivos importantes tem ajudado a modificar a percepção de que o esporte é um campo exclusivamente masculino.

No entanto, as disparidades salariais e o assédio, tanto no ambiente de trabalho como nas plataformas digitais, continuam a ser problemas persistentes. Mulheres que desempenham as mesmas funções que seus colegas homens frequentemente enfrentam avaliações e condições de trabalho inferiores, e o assédio sexual e moral é uma realidade comum, frequentemente ignorada pelas organizações de mídia.

Este estudo destaca a importância de iniciativas que promovam a inclusão e a diversidade nas redações esportivas e sugere que a promoção de um ambiente de trabalho mais igualitário beneficiará não apenas as mulheres, mas todo o campo do jornalismo esportivo. A luta pela equidade de gênero é um processo contínuo que requer comprometimento das lideranças e um esforço conjunto para desafiar os estereótipos de gênero e garantir oportunidades iguais para todos os profissionais.

Nesse sentido, para superar as barreiras que as mulheres enfrentam no jornalismo esportivo, é crucial começar pelo ambiente de trabalho, abordando aspectos muitas vezes invisíveis que impactam a inclusão. É essencial adotar uma abordagem multifacetada que envolva tanto colaboradores quanto líderes.

Oferecer treinamentos sobre preconceitos inconscientes e estereótipos de gênero é uma estratégia importante para aumentar a conscientização e promover uma cultura de respeito e igualdade, muitas vezes o colega jornalista já tem um pensamento machista tão enraizado que nem sabe que está sendo

misógino, machista ou sexista. Programas de mentoria também são valiosos, pois fornecem suporte e orientação, ajudando as mulheres a se sentirem mais seguras e valorizadas em seus papéis sem precisar sentir que “não fazem parte do ambiente esportivo”.

Implementar e reforçar políticas de igualdade de gênero no local de trabalho é fundamental para criar um ambiente mais justo e seguro. Essas políticas devem ser claras e aplicadas de maneira consistente para garantir que todos os funcionários sejam tratados com equidade. É crucial assegurar que tais políticas previnam o abuso psicológico e promovam um ambiente onde as mulheres possam manter a mente centrada e o respeito mútuo seja a norma. Medidas eficazes devem desencorajar qualquer comportamento abusivo, garantindo que todos, independentemente de gênero, sejam tratados com dignidade e respeito.

Envolver os líderes nesse processo é essencial para o sucesso dessas iniciativas. Líderes devem participar de treinamentos que abordem a importância da igualdade de gênero e a conscientização sobre preconceitos inconscientes. Somado a isso, eles devem servir de exemplo, sem piadinhas machistas, comentários desconfortáveis ou desrespeitosos. Quando os líderes modelam o comportamento que desejam ver em seus times, ajudam a criar uma cultura organizacional mais inclusiva e colaborativa.

Fontes de notícias, ao oferecerem acesso e informações sem querer favorecer o colega jornalista só porque ele é homem, ajudam a garantir que as jornalistas mulheres tenham as mesmas oportunidades. É fundamental que tratem todas as profissionais com respeito e igual consideração, independentemente de gênero. Isso não só fortalece a credibilidade das notícias como também promove um padrão de justiça e igualdade no ambiente de trabalho.

Dirigentes e presidentes de clubes também têm um papel significativo em criar um ambiente de apoio. Ao promoverem políticas que incentivem a diversidade e a inclusão nas redações e nas equipes de cobertura esportiva, eles contribuem para uma maior representação das mulheres.

Técnicos e atletas, por sua vez, têm a capacidade de influenciar diretamente a percepção pública sobre as mulheres no jornalismo esportivo, afinal, qual grande torcedor não escuta seu ídolo, não é mesmo? Ao se

engajarem positivamente com jornalistas mulheres e promoverem uma postura de respeito, ajudam a quebrar estereótipos e preconceitos que ainda existem na indústria.

Como consumidores de mídia, é possível exigir que editoras e produtoras de conteúdo ofereçam mais oportunidades para mulheres em todas as áreas do jornalismo esportivo, desde a cobertura de eventos até a análise crítica e apresentação. Por exemplo, ao expressar interesse em assistir a programas com determinadas apresentadoras, ou ao elogiar a narração de uma jornalista e manifestar o desejo de vê-la mais vezes.

Por fim, a participação ativa do público não se limita ao consumo passivo de mídia. É possível participar de discussões e eventos que promovam a igualdade de gênero no jornalismo esportivo, apoiar iniciativas que visem capacitar mulheres nessa área e pressionar por mudanças estruturais nas organizações de mídia. Com essas ações, contribui-se para um ambiente mais equilibrado e enriquecedor, onde a diversidade de vozes é valorizada e todas as profissionais têm a oportunidade de brilhar.

Como público, telespectadores, leitores e ouvintes, todos têm um papel fundamental no apoio e valorização do trabalho das mulheres no jornalismo esportivo. Reconhecer que a presença feminina nesse campo tem sido limitada e muitas vezes marginalizada é essencial para promover a igualdade. Ao prestigiar e engajar com o trabalho das jornalistas esportivas, esses indivíduos não apenas apoiam suas carreiras, mas também ajudam a desafiar preconceitos e estereótipos ainda presentes na cobertura esportiva.

A valorização pode começar com gestos simples, como prestar atenção e oferecer feedback construtivo sobre o trabalho das mulheres na mídia esportiva. Por exemplo, ao dizer que a matéria está excelente, mas que em determinado ponto poderia ter abordado um aspecto específico, ou ao mencionar que certa informação complementa bem o ponto de vista apresentado. Isso inclui reconhecer a qualidade e a profundidade das análises e reportagens oferecidas por essas profissionais, em vez de focar apenas em questões de aparência ou gênero. Aplaudir suas conquistas e compartilhar seu trabalho nas redes sociais são formas efetivas de aumentar sua visibilidade e mostrar que suas contribuições são apreciadas e respeitadas.

O que eu preciso que você, leitor desse trabalho, entenda é que a promoção da equidade de gênero não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma forma de enriquecer a cobertura esportiva e inspirar futuras gerações de mulheres no campo. Ao garantir que as mulheres tenham as mesmas oportunidades e visibilidade que os homens no esporte, estamos não apenas corrigindo desigualdades históricas, mas também ampliando a diversidade de perspectivas e histórias que são contadas. Isso, por sua vez, pode levar a uma cobertura mais rica e variada, que reflete melhor a sociedade como um todo. Deixe elas narrarem, comentarem, trabalharem.

Este trabalho abre portas para novas pesquisas, como melhorar a cultura organizacional ou destacar o papel das universidades nesse processo, uma vez que são as escolas onde se formam os futuros profissionais. É necessário promover uma rotina produtiva que valorize a presença feminina, através de disciplinas que incentivem a inclusão e a diversidade. No Distrito Federal, por exemplo, é possível observar um avanço significativo na inclusão de mulheres, o que proporciona uma oportunidade interessante para comparativos com outros estados. Essas análises podem revelar as diferentes realidades e desafios enfrentados em diversas regiões do Brasil. Dito isso, é importante ressaltar que a diversidade traz originalidade, enriquecendo não apenas o campo do jornalismo esportivo, mas toda a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1LIBRARY. **As pioneiras do jornalismo esportivo**: mulheres no jornalismo esportivo. Disponível em: <<https://1library.org/article/as-pioneiras-do-jornalismo-esportivo-mulheres-jornalismo-esportivo.ye8jxvey>>. Acesso em: 05 jun. 2024.

ABREU, Alzira Alves de (Org.). **A imprensa em transição**: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ASSOCIATION FOR WOMEN IN SPORTS MEDIA. Disponível em: <<http://awsmonline.org/>>. Acesso em: 03 ago. 2024.

BENNETT, Jessica. **How Not to Be 'Maninterrupted' in Meetings**. 2015. Disponível em: <<https://time.com/3666135/sheryl-sandberg-talking-while-female-maninterruptions/>>. Acesso em: 14 de ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.718**, de 24 de setembro de 2018. Institui Importunação Sexual. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm>. Acesso em: 13 ago. 2024.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Sapere Aude, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015. Tradução de Magda Guadalupe dos Santos e Sérgio Murilo Rodrigues.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASADEI, Eliza Bachega. **A Inserção das Mulheres no Jornalismo e a Imprensa Alternativa**: Primeiras Experiências no Final do Século XIX. Disponível em: <<http://bit.ly/30wUt8H>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

CECCON, Bruno. **A Gazeta Esportiva, 70 anos**. 2015. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/especiais/gazeta-esportiva-70-anos/>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 4a ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2017. 22 mai. 2024

DANTAS, Monique. **Mulheres no jornalismo esportivo**. 2015. Disponível em: <<https://1library.org/document/ye8jxvey-mulheres-no-jornalismo-esportivo.html>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

DE, Euclides; COUTO, F. **Os diferentes modos de torcer**: a presença feminina nos estádios belo-horizontinos (1908-1927). jul. 2013. Disponível em: <https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370289021_ARQUIVO_Os_diferentes_modos_de_torcer_final.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DE, V.; SANTOS, A. **As bolas da vez**: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro. Brasília -DF, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DEMARQUE, Gisllene Rodrigues Ferreira. **Mulheres Jornalistas: Histórias e Memórias, das Redações às Universidades**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO. **EBC repudia assédio a repórter Verônica Dalcanal em Paris**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/es/node/1606495>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

ESPN. **1ª narradora da TV no Brasil foi pupila de Luciano do Valle e volta a narrar após 19 anos na ESPN**. Disponível em: <https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/4055917/1-narradora-da-tv-no-brasil-foi-pupila-de-luciano-do-valle-e-volta-a-narrar-apos-19-anos-na-espn>. Acesso em: 09 ago. 2024.

FENAJ. **Nota de solidariedade à jornalista Alinne Fanelli: atitude machista do técnico Abel Ferreira é injustificável**. Disponível em: <https://fenaj.org.br/nota-de-solidariedade-a-jornalista-alinne-fanelli-atitude-machista-do-tecnico-abel-ferreira-e-injustificavel/> Acesso em 26 de ago. 2024.

FERRARI, Rodrigo. **Campanha da Lay's utiliza IA para expor discurso de ódio que atinge mulheres na mídia esportiva**. Máquina do Esporte. Disponível em: <<https://maquinadoesporte.com.br/midia/campanha-da-lays-utiliza-ia-para-expor-discurso-de-odio-que-atinge-mulheres-na-midia-esportiva/>>. Acesso em: 08 ago. 2024.

GAZETA ESPORTIVA. **Gazeta Esportiva 70 anos**. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/especiais/gazeta-esportiva-70-anos/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

GÊNERO E NÚMERO; ABRAJI. **Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. 2017. Disponível em: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf>. Acesso em 23 de jan. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2022.

GOLÇALVES, Mariana. **Cobertura esportiva pode ser tão perigosa quanto qualquer outra, diz pesquisadora**. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/cobertura-esportiva-pode-ser-tao-perigosa-quanto-qualquer-outra-diz-pesquisadora>. Acesso em: 26 ago. 2024

GURGEL, Luciana. **Pesquisa mostra falta de diversidade de gênero no jornalismo**. Media Talks. Disponível em: <<https://mediatalks.uol.com.br/2024/03/18/pesquisa-mostra-falta-de-diversidade-de-genero-no-jornalismo/>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

HABIB, Lia. **Jornalista: Profissão Mulher**. São Paulo, SP: Editora Sapienza, 2005.

HOHLFELDT, Antonio. **Imprensa no Brasil: confira como os avanços históricos impactaram as práticas jornalísticas**. Disponível em: <<https://portal.pucrs.br/blog/impressao-no-brasil/>>. Acesso em: 2 maio. 2024.

IBGE. Homens e mulheres. 2022. Disponível em:
<<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19625-numero-de-homens-e-mulheres.html>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Mulheres no esporte**: Pesquisa sobre equidade de gênero. Brasília, 2020. Disponível em:
<<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-equidade-de-genero>>. Acesso em: 28 nov. 2023.

INSTITUTO REUTERS. **Journalism, media, and technology trends and predictions 2024**. Oxford, 2024. Disponível em:
<<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2024#header-8>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

LUDTKE, Melissa. **Sobre Melissa Ludtke**. Disponível em:
<<https://www.melissaludtke.com/about>>. Acesso em: 04 maio. 2024.

MATTOS, Marina de. **Repórter da TV Globo sofre importunação sexual durante a cobertura do encerramento da Olimpíada**. O Globo, 12 de agosto de 2024. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Paulus Editora, 2006.

MEMÓRIA GLOBO. Glenda Kozlowski. Disponível em:
<<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/glenda-kozlowski/noticia/glenda-kozlowski.ghtml>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MEMÓRIA. **Evolução do jornalismo esportivo no Brasil**. 2015. Disponível em:
<<https://www.mguerramemoria.com.br/evolucao-do-jornalismo-esportivo-no-brasil>>. Acesso em: 04 abr. 2024.

NO ATAQUE. Alvo de ofensas machistas, narradora da Globo anuncia saída de rede social. Disponível em:
<<https://noataque.com.br/futebol/noticia/2024/06/21/alvo-de-ofensas-machistas-narradora-da-globo-anuncia-saida-de-rede-social/>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

NONATO, Cláudia. O perfil diferenciado dos jornalistas associados ao sindicato de São Paulo. In: FIGARO, Roseli (Org.). **As mudanças do mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013. p. 144-203.

PORTAL COMUNIQUE-SE. **Mulheres ainda são minoria no jornalismo brasileiro**. 2019. Disponível em:
<<https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>>. Acesso em: 04 abr. 2024

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas – A grande invasão**. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Faculdade Cásper Líbero, 2010. 23 mar. 2024.

Revista Marie Claire. Repórter denuncia mascote do Internacional por assédio sexual: 'Situação bem constrangedora'. **Revista Marie Claire**, 26 de fevereiro de 2024. Disponível em:
<<https://revistamarieclaire.globo.com/violencia-de-genero/assedio/noticia/2024/>>

02/reporter-denuncia-mascote-do-internacional-por-assedio-sexual-situacao-be-m-constrangedora.ghml>. Acesso em: 13 ago. 2024.

RIBEIRO, André. **Os donos do Espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. 1ª Ed. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, 2007. Acesso em: 23 mar. 2024.

RUBBO, Daniella; VASCONCELOS, Nayara Maria. **A mulher jornalista na editoria de esportes. Artigo acadêmico**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, PR, 2009. Acesso em: 24 mar. 2024.

SIQUEIRA, Mayra. **X**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/0bwro>. Acesso em: 27 ago. 2024

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim** / Rebecca Solnit; imagens Ana Teresa Fernandez; tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Cultrix, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4CgzDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 14 ago. 2024

STYCER, Maurício. **História do Lance!** – Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo. São Paulo, SP: Editora Alameda, 2009. Acesso em: 24 mar. 2024.

SUPERESPORTES. Relembre outros casos de jornalistas que sofreram assédio sexual ao vivo. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/amp/noticias/esporte-na-tv/2022/09/08/noticia_esporte_na_tv,3975813/relembre-outros-casos-de-jornalistas-que-sofrer-am-assedio-sexual-ao-vivo.shtml>. Acesso em: 09 ago. 2024.

TERCEIRO TEMPO. **Zuleide Ranieri**. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/zuleide-ranieri>>. Acesso em: 15 mai. 2024.

TERRA BRASIL NOTÍCIAS. **Apresentadora denuncia que sofreu abuso psicológico na Globo**: "Quase desisti do jornalismo". Disponível em: <<https://terrabrasilnoticias.com/2024/01/apresentadora-denuncia-que-sofreu-abuso-psicologico-na-globo-quase-desisti-do-jornalismo-veja-video/>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

TERRA BRASIL NOTÍCIAS. **Já era tempo**: mulheres são 50% dos participantes em uma Olimpíada após quase 130 anos de competição. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/ja-era-tempo-mulheres-sao-50-dos-participantes-em-uma-olimpiada-apos-quase-130-anos-de-competicao,bc48cb091e4d160436b48f214fc2007fqkydj2g.html>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

Thaís Jorge; Alzimar Ramalho; Laís Ribeiro. Mulheres no comando de redações: questões sobre a influência das mulheres jornalistas no processo de seleção de notícias. In: ANAIS DO 12º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2014, Santa Cruz do Sul. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2014. Disponível em: <https://proceedings.science/sbpjor-2014/trabalhos/mulheres-no-comando-de-redacoes-questoes-sobre-a-influencia-das-mulheres-jornali?lang=pt-br>. Acesso em: 2 ago. 2024.

TODAS, D. UMA PARA. **Mulheres no jornalismo**: do pioneirismo aos desafios atuais. Disponível em: <<https://medium.com/de-uma-para-todas/mulheres-no-jornalismo-do-pioneirismo-aos-desafios-atuais-5cc1a39c5402>>. Acesso em: 5 jun. 2024.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. Rio de Janeiro, RJ: Summus Editorial, 1992. Acesso em: 13 ago. 2024.

WHO MAKES THE NEWS. **Global Media Monitoring Project**. Disponível em: <<https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/1-Relatorio-GMMP-Brasil-portugues-12-07-21-completo-1.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2023.

WOOD, K.; MOURA, N. DE (EDS.). **Segue o jogo... e a luta**. Disponível em: <<https://agemt.pucsp.br/noticias/segue-o-jogo-e-luta>>. Acesso em: 25 jun. 2024

ANEXOS

TABELA 1

| Publicação | Referência | Tema Principal | Contribuições | Implicações |
|------------|----------------------------|---|--|---|
| 1978 | Ludtke (1978) | Direitos das mulheres no jornalismo esportivo (EUA) | Estabelece o direito das mulheres de acessar os bastidores esportivos em condições de igualdade com os homens. | Abriu portas para a presença feminina no jornalismo esportivo nos Estados Unidos, embora o preconceito persistisse. |
| 1992 | Travancas (1992) | Liderança e oportunidades para mulheres | Examina a falta de mulheres em cargos de liderança nas redações esportivas. | A ausência de mulheres em posições de chefia limita sua capacidade de influenciar mudanças nas organizações. |
| 2005 | Habib (2005) | Preconceitos e estereótipos de gênero | Analisa como os estereótipos continuam a influenciar a percepção pública das mulheres no jornalismo esportivo. | Estereótipos de gênero ainda prejudicam a credibilidade e a aceitação das mulheres na cobertura de esportes. |
| 2007 | Ribeiro (2007) | Início do jornalismo esportivo | Descreve as primeiras publicações esportivas no Brasil e a ausência inicial das mulheres. | As mulheres estavam ausentes nas primeiras publicações esportivas, reflexo do contexto social da época. |
| 2009 | Rubbo e Vasconcelos (2009) | Assédio e desafios no ambiente de trabalho | Aborda o assédio sexual e moral sofrido por mulheres no jornalismo esportivo. | O assédio continua sendo uma barreira significativa para o avanço das mulheres no campo esportivo. |

| Publicação | Referência | Tema Principal | Contribuições | Implicações |
|------------|---|--|---|---|
| 2009 | Styczer (2009) | Avanços e desafios contemporâneos | Explora o impacto das mídias digitais na visibilidade e nas oportunidades para as mulheres no jornalismo esportivo. | As mídias digitais ampliaram o alcance das mulheres, mas também introduziram novos desafios, como o assédio online. |
| 2010 | Ramos (2010) | Inserção das mulheres no jornalismo esportivo | Analisa a trajetória de Maria Helena Rangel e outras pioneiras no Brasil. | Pioneiras enfrentaram desafios significativos, como preconceito e limitação de papéis dentro das redações. |
| 2017 | Coelho (2017) | Representação das mulheres no jornalismo esportivo | Discute a sub-representação feminina e a divisão de tarefas com base em estereótipos de gênero. | Mulheres ainda são direcionadas a coberturas de esportes "menos importantes", reforçando estereótipos de gênero. |
| 2019 | Siqueira (2019) via rede social X | Casos de discriminações sofridos na carreira | Expõe casos de assédio e preconceito | Relatos que evidenciam a necessidade urgente de reformas estruturais para criar um ambiente de trabalho mais equitativo e respeitoso. |
| 2022 | Gazeta Esportiva. (2022). <i>Gazeta Esportiva 70 anos.</i> | Evolução do jornalismo esportivo no Brasil | Descreve a trajetória de uma das publicações esportivas mais influentes no Brasil e seu impacto no cenário midiático. | Embora tenha havido avanços, o espaço das mulheres nas redações esportivas ainda é limitado. |
| 2022 | Superesportes. (2022). <i>Relembre outros casos de jornalistas que sofreram assédio sexual ao vivo.</i> | Assédio sexual contra mulheres jornalistas | Relata casos de assédio sexual sofridos por jornalistas durante coberturas esportivas ao vivo. | O assédio sexual continua sendo um problema significativo, afetando o trabalho e a segurança das jornalistas esportivas. |

| Publicação | Referência | Tema Principal | Contribuições | Implicações |
|------------|---|--|--|--|
| 2023 | Máquina do Esporte. (2023). <i>Campanha da Lay's utiliza IA para expor discurso de ódio que atinge mulheres na mídia esportiva.</i> | Discurso de ódio contra mulheres na mídia esportiva. | A campanha usa inteligência artificial para destacar o impacto do discurso de ódio nas mídias esportivas, focando no público feminino. | O discurso de ódio é uma barreira significativa que impede a plena participação das mulheres na mídia esportiva. |
| 2024 | Fan e Nepomuceno (2024) | Críticas às apresentadoras. | Casos que ambas foram críticas pelas redes sociais e que outros elogiaram. | Destaque da necessidade de políticas inclusivas e um ambiente de trabalho que valorize e respeite as contribuições das mulheres no jornalismo esportivo. |
| 2024 | O Globo (2024) | Comentários sexistas no jornalismo esportivo. | Análise de incidentes sexistas durante as Olimpíadas de Paris 2024. | Mostra como o sexismo ainda permeia o discurso esportivo, influenciando a percepção pública das jornalistas. |
| 2024 | Terceiro Tempo. (2024). <i>Zuleide Ranieri.</i> | Pioneirismo feminino no jornalismo esportivo. | Trajetória de Zuleide Ranieri como uma das primeiras narradoras esportivas no Brasil. | Destaca o impacto do pioneirismo feminino e os desafios enfrentados para conquistar espaço no meio esportivo. |
| 2024 | 1Library. (2024). <i>As pioneiras do jornalismo esportivo: mulheres no jornalismo esportivo.</i> | Inserção das mulheres no jornalismo esportivo. | Discute a trajetória das primeiras mulheres a se destacarem no jornalismo esportivo e os desafios que enfrentaram. | As pioneiras enfrentaram preconceitos significativos, mas pavimentaram o caminho para uma maior aceitação das mulheres. |

| | | | | |
|------|--|---|---|---|
| 2024 | ESPN. (2024). <i>1ª narradora da TV no Brasil foi pupila de Luciano do Valle e volta a narrar após 19 anos na ESPN.</i> | Mulheres narradoras esportivas no Brasil. | Narra a história da primeira mulher a atuar como narradora na televisão brasileira e seu impacto no jornalismo esportivo. | A inserção de mulheres como narradoras representa um avanço significativo, embora ainda haja poucas profissionais nessa função. |
| 2024 | ESPN. (2024). | Trajetória de narradoras esportivas. | Relato sobre a primeira narradora da TV brasileira. | Evidencia os avanços, mas também as dificuldades persistentes para mulheres em papéis de destaque no jornalismo esportivo. |

| Publicação | Referência | Tema Principal | Contribuições | Implicações |
|------------|--|---|--|---|
| 2024 | Memória Globo. (2024). <i>Glenda Kozlowski.</i> | Carreira de mulheres no jornalismo esportivo | Trajetória de Glenda Kozlowski como jornalista esportiva. | Glenda Kozlowski se destacou em um campo dominado por homens, estabelecendo-se como uma referência no jornalismo esportivo. |
| 2024 | Media Talks. (2024). <i>Pesquisa mostra falta de diversidade de gênero no jornalismo.</i> | Diversidade de gênero no jornalismo esportivo | Explora a falta de diversidade de gênero nas redações esportivas e suas consequências para a cobertura esportiva. | A ausência de diversidade de gênero nas redações limita a pluralidade de vozes e perspectivas na cobertura esportiva. |
| 2024 | Terra Brasil Notícias. (2024). <i>Apresentador a denuncia que sofreu abuso psicológico na Globo: "Quase desisti do jornalismo".</i> | Abuso psicológico e desafios nas redações | Destaca o relato de uma apresentadora que sofreu abuso psicológico em uma grande emissora de televisão brasileira. | O abuso psicológico é uma barreira que pode levar mulheres a desistirem de suas carreiras no jornalismo esportivo. |

| | | | | |
|------|-----------------------------|---|--|--|
| 2024 | Mattos, Marina de (2024) | Importunação sexual em grandes eventos esportivos | Relato de assédio sofrido por repórteres durante a cobertura das Olimpíadas de 2024. | Reflete a persistência do problema e a urgência de intervenções institucionais eficazes. |
| 2024 | Revista Marie Claire (2024) | Assédio por parte de figuras públicas | Caso de assédio envolvendo mascote do Internacional e uma jornalista. | Ilustra a vulnerabilidade das jornalistas em ambientes esportivos e a cultura de impunidade existente. |

Fonte: Resultados originais da pesquisa, 2024.